



Miriam Weitzman

Inclusão das novas configurações familiares na escola

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) para a obtenção do Título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Patrícia Lacerda

Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2008

Dedicatória

Aos indivíduos que acreditam numa sociedade mais inclusiva

Aos educadores que buscam novos caminhos

Agradecimentos

A minha professora orientadora, por toda compreensão e reflexões críticas, que foram essenciais para a elaboração desse trabalho.

Aos professores da pós-graduação que contribuíram na minha formação como Educadora.

A minha grande amiga Adriana de Freitas Velloso pelo carinho e apoio.

Ao Benjamin, em memória, por sempre acreditar no meu potencial.

A minha mãe pelo carinho e incansável apoio nos meus projetos.

Ao Idalo, meu companheiro de vida e a Luana e a Mel, minhas filhas pelo apoio e compreensão da minha ausência.

Resumo

O Objetivo desta pesquisa foi identificar como algumas escolas privadas, tidas como 'progressistas', na cidade do Rio de Janeiro estão lidando com a presença das novas configurações familiares dos alunos. Ao longo das últimas décadas a instituição familiar sofreu inúmeras mudanças desestabilizando o modelo da família tradicional como referência única. Assim a relevância dessa pesquisa reside no fato de que os educadores devem estar atentos às mudanças na sociedade que atravessam a vida dos alunos e portanto das práticas pedagógicas. Uma possível legalização da união consensual de casais homossexuais e a autorização de adoção de filhos, por exemplo, podem representar o rompimento de uma série de saberes consagrados sobre a forma de viver em família. Da mesma forma, à medida que a sociedade vai se transformando a escola também precisa se transformar, procurando se adaptar a essas mudanças através da revisão de suas estratégias de trabalho. Através das entrevistas feitas às coordenadoras da Educação Infantil em cinco escolas da Zona Sul do Rio de Janeiro, foi possível observar que as escolas mostram que, em tese, estão abertas para lidar com diferentes formas de arranjo familiar, apesar da constatação de que há uma falta de informação e aprofundamento em relação às novas configurações familiares dos alunos.

Palavras-chave: Família, novas configurações, inclusão, escola

Sumário

1.Introdução.....	6
1.1Metodologia.....	9
2. Famílias Contemporâneas.....	11
2.1.As novas configurações familiares.....	18
2.2. A percepção das famílias pelas escolas.....	20
3.Inclusão: aluno e família.....	37
3.1.Espaço que as escolas disponibilizam para o encontro com as famílias	43
4.Família Escola:divisões de papéis.....	48
Conclusão.....	58
Referências bibliográficas.....	63
Anexo.....	65

1. Introdução

Nasci em uma família tradicional judaica e procurei seguir o modelo da minha família de origem, mas o meu caminho foi outro, porque casei duas vezes e de cada casamento eu tive uma filha. Assim posso dizer que já fiz parte de uma família tradicional e que atualmente faço parte de uma família recasada ou reconstituída.

Segundo Wagner e Bandeira (1996, p.116):

“a definição de ‘ família tradicional’ tem sido revisada nos últimos tempos. A família legitimada pelo casamento, com o poder centrado na figura paterna/marital masculina, a onde os pais coabitam em domicílio conjugal mantendo mútua assistência econômica, sustento, guarda e educação dos filhos, coexiste com outras formas de arranjos familiares. Cada dia é mais comum depararmos com famílias reconstituídas, onde os pais são separados de seus primeiros cônjuges e mantêm uma relação estável com o outro companheiro (a), coabitando em domicílio conjugal na companhia de seus filhos do primeiro casamento”.

As autoras definem bem o que seria uma família tradicional e o que seria a reconstituída. Dentro da minha participação em cada configuração familiar, foi na família recasada que eu vivenciei um caso de exclusão na escola.

O caso ocorreu na escola com a minha filha que na época tinha quatro anos. Estava chegando o dia dos pais e as crianças iriam produzir um presente para entregar na festa que aconteceria para os pais na escola. Como a minha filha chamava e considerava meu marido como pai, ela pediu para a professora para fazer dois presentes, um para seu pai biológico e outro para o seu pai de coração, mas esse pedido foi negado. Minha filha frustrada e não entendendo porque ela não poderia fazer os dois presentes, se sentiu diferente dos seus amigos de sala e discriminada por isso.

Ao trazer essa situação para casa resolvi conversar com a escola expondo que para a minha filha ter dois pais foi uma escolha. Mas a escola não foi muito receptiva, apresentou uma postura preconceituosa em relação ao desejo da minha filha de agradar as duas pessoas que ela considerava como seus pais. Através de uma desculpa a escola tentou contornar a situação, alegando que só tinha material para um presente. Eu percebendo que isso era uma desculpa, ofereci o material necessário para

que a minha filha fizesse o presente na escola, mas outra vez o pedido foi negado, com a alegação de que outros alunos poderiam desejar fazer outro presente também. Por fim a última sugestão da escola foi que eu produzisse o presente com ela em casa. Assim a escola se mostrou não inclusiva, indiferente à configuração familiar da minha filha. Apontando a questão como um problema privado perdeu a oportunidade de utilizar a situação para trabalhar a diferença com os alunos. A última sugestão da escola evidencia a exclusão e pode ser lida como: ‘Não concordamos com esse modelo de família, então aqui não pode ser feito’.

Alguns anos se passaram e eu entrei na graduação em pedagogia, me interessando cada vez mais pelo tema escola-família. Assim, quando terminei a graduação, resolvi fazer uma especialização em terapia familiar sistêmica, porque acredito que é impossível trabalhar com criança e adolescente sem olhar para sua família. Nessa especialização, como o foco era família, estudamos as novas configurações familiares e atendemos famílias, algumas com crianças e adolescentes.

Assim o que me levou a escolher o tema da **inclusão das novas configurações familiares na escola** foram as minhas experiências particulares e a iniciação que já tinha no estudo sobre família. O objetivo dessa pesquisa é identificar como algumas escolas ‘progressistas’¹ do Rio de Janeiro estão lidando com a presença das novas configurações familiares dos alunos.

A instituição família não desapareceu o que mudou foram o foco e as possibilidades de organizações familiares diferentes das tradicionais, como é o caso das famílias monoparentais; famílias recasadas; famílias com pais adotivos; pais homossexuais etc. Como hoje em dia é comum encontrar alunos que têm pais separados em alguns ambientes escolares, as famílias tradicionais chegam a ser minoria. A escola, portanto; já está diante de novas configurações familiares, mas nem sempre modifica sua visão e suas práticas para acolher essa mudança no padrão familiar tradicional. Sendo assim a relevância dessa pesquisa reside no fato de que os educadores devem estar atentos às mudanças na sociedade as quais podem representar o rompimento de uma série de saberes consagrados, como a legalização do casamento

¹ O adjetivo ‘progressista’ diz respeito a escolas que projetam uma imagem de si moderna e aberta a métodos educativos na linha mais construtivista.

entre homossexuais e a possível adoção de prole. Da mesma forma que a sociedade vai se transformando, a escola também precisa se transformar, procurando se adaptar a essas mudanças, através da revisão de suas estratégias de trabalho.

Para Reis (1994) a família é importante tanto no nível das relações sociais, “quanto ao nível da vida emocional de seus membros”. A família é mediadora entre o indivíduo e a sociedade, é nela que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. Conclui o autor que é na família que formamos nossa primeira identidade social, é nela que aprendemos a nos referir no processo de usar o pronome “nós”.

Esse comentário de Reis reforça a importância da relação escola-família e o quanto é importante uma acolher a outra. No caso dessa pesquisa o recorte foi feito na Educação-Infantil. É nesse segmento que a criança tem o primeiro contato com a escola; por esse fato os pais são mais presentes do que nos outros segmentos e é onde o vínculo escola-família é mais intenso. Como acontece no início de qualquer relação, os parceiros procuram se conhecer bem, então é o momento que a escola procura conhecer bem a família, para poder acolher bem o seu aluno. Já a família procura conhecer bem a escola, para poder confiar e poder entregar o seu maior tesouro, que é seu filho. A partir desse reconhecimento, é criado um compromisso entre as duas partes, assim sendo necessário haver um respeito mútuo.

Szymanski (2007, p.98) afirma:

“ ESCOLA É ESCOLA, FAMÍLIA É FAMÍLIA. O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para a sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão”.

A escola e a família têm uma ação educadora de transmitir às crianças e aos jovens, valores, costumes, idéias, normas sociais e regras de vida contribuindo assim na formação do indivíduo.

A relação escola-família já foi uma grande questão dentro do campo da educação, como por exemplo: à importância da participação da família na escola. Algumas pesquisas já desvendaram questões como desempenho escolar x origem social e a integração escola-família como um ponto forte para um bom desempenho

escolar do aluno. Mas há ainda muitas questões a serem levantadas sobre essa relação, principalmente em relação às famílias contemporâneas.

As famílias foram se revolucionando ao longo dos tempos, seus valores vem mudando e suas prioridades também. Pesquisas sociológicas nos revelam o quanto as famílias vem trilhando um caminho de transformações. Essas transformações sociais e as políticas econômicas e culturais do mundo contemporâneo também afetam os sistemas educacionais. A escola precisa reciclar-se, como diz Libâneo (2002, p.195):

“A educação, mormente a escolar, precisa reciclar-se para assumir seu papel nesse contexto como agente de mudanças, geradora de conhecimento, formadora de sujeitos capacitados a intervir e atuar na sociedade de forma crítica e criativa”.

1.1. Metodologia:

Para pesquisa foram escolhidas cinco escolas privadas de classe média alta, localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro. A escolha das escolas se deu pelo motivo delas serem inclusivas e pela possibilidade de conseguir um acesso fácil para entrevistar pessoas nestas escolas.

O recorte da pesquisa foi o da Educação Infantil, porque é um segmento no qual as famílias participam mais do cotidiano da criança na escola e as pessoas entrevistadas foram as coordenadoras desse segmento, pela razão de elas serem as pessoas que tem o acesso às famílias mais diretamente.

Das cinco escolas, uma não foi possível entrevistar a coordenadora, então a diretora que já tinha sido coordenadora da Educação Infantil nessa mesma escola foi a entrevistada. A metodologia utilizada foi qualitativa, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas.

Para preservar as identidades das escolas, foi utilizado o sistema de cores para nomeá-las. Então, cada escola será representada por uma cor, as cores escolhidas são a Vermelha, Azul, Amarela, Verde e Branca.

Caracterização das Escolas

A escola Vermelha foi fundada por um grupo de pais e professores que se propunha a desenvolver um projeto educativo dentro dos princípios da filosofia humanista. O projeto educativo deles é não ver a criança apenas como aluno, mas como um ser que tem necessidades afetivas, cognitivas e psicomotoras próprias. Acreditam numa ação educativa integradora e o trabalho é feito a partir das situações vivenciadas no dia-a-dia da escola. O planejamento curricular e as avaliações são feitos num processo verdadeiramente participativo.

A escola Azul toma como referências éticas os valores proclamados na declaração Universal dos direitos humanos e na dos direitos das crianças; a crença na democracia; na solidariedade e fraternidade como valores universais, a busca da participação da livre expressão e do respeito mútuo; a necessidade da escuta cuidadosa e amorosa das diferentes inquietações, necessidades, anseios e sonhos de cada pessoa, grupo, povo ou nação; a certeza de que a paz é o único ambiente propício para o desenvolvimento humano. Entendem a criança como um sujeito social e histórico. Não apenas um sujeito em crescimento, que se tornará alguém no futuro, mas indivíduo e cidadão hoje.

A escola Amarela é uma instituição de cultura religiosa², sem fins lucrativos. Fundamenta sua filosofia de educação na consciência de sua função de formar homens livres e autônomos, para uma vida em sociedade dentro dos princípios ético-morais de solidariedade e respeito, discernindo, avaliando e agindo com os ideais de justiça e cooperação. A escola busca realizar um trabalho de educação que contribua para promover os desenvolvimentos intelectual, afetivo, moral e social de seus alunos, atendendo-os nos seus aspectos individuais e coletivos. Formando alunos que refletem, participam, assumem responsabilidades, como conquistas indispensáveis para a realização pessoal e cidadã. A escola tem como missão seguir a tradição judaica do diálogo como base das relações; da cooperação como condição de vida comunitária; do respeito como princípio essencial da convivência e do estudo como valor máximo para o conhecimento.

² É uma escola judaica, mas não exclusiva – aceita alunos de outras religiões.

A escola Verde se inaugura com uma postura de permanente reflexão, acompanhando os estudos sobre aprendizagem e incentivando que seus alunos estudem permanentemente para prepará-los para a vida num mundo de vertiginosa transformação. A escola procura solidificar nos alunos a vontade de buscar novos caminhos e soluções positivas para o país, para a diminuição das diferenças sociais e para uma convivência mais digna e justa.

A escola Branca é uma escola sem fins lucrativos, construindo uma nova maneira de trabalhar em educação. Gerenciada por professores, funcionários, criou-se um projeto inédito no país. A escola tem como objetivo buscar formar alunos conscientes da importância da sua ação transformadora do mundo à sua volta.

As cinco escolas são consideradas escolas inclusivas por aceitarem crianças com dificuldade de aprendizado. As escolas Amarela, Verde e Branca atendem da Educação Infantil até o Ensino Médio e as escolas Vermelha e Azul atendem da Educação Infantil até o Ensino Fundamental. As três escolas que possuem o Ensino Médio são anualmente apontadas pela imprensa entre as melhores do Rio de Janeiro, além de todas as cinco escolas terem presença constante na mídia local.

Os temas abordados nas entrevistas foram: Que tipo de informação a escola recolhe sobre as famílias. Como a escola processa e organiza essas informações. Como a escola trabalha o tema família no seu cotidiano. Como a escola trabalha inclusão das famílias³.

Realizadas as entrevistas com as coordenadoras e diretora, foram feitas as transcrições e posteriormente analisadas.

³ O roteiro completo das entrevistas encontra-se em anexo.

2. Famílias Contemporâneas

Singly (2007) em seu livro *Sociologia da Família Contemporânea* faz um histórico sobre como as famílias foram se revolucionando ao longo dos tempos e as influências que sofreram, na sociedade francesa. Assim, algumas influências são importantes para serem citadas, como o surgimento de algumas leis.

No século XIX, foram criados dispositivos jurídicos para punir o pai, quando necessário, assim a base patriarcal da família começou a ser abalada. Isso ocorreu a partir do crescimento do interesse com o bem estar das crianças pelo Estado, o que gerou uma série de prerrogativas para a intervenção pública no espaço privado da família. Com a emancipação feminina e a mudança do papel da mulher dentro da família e da sociedade nos anos sessenta do século XX, surge outra frente de influências para grandes mudanças da família na sociedade. O divórcio foi uma dessas influências e legalizado em 1975 aumentou a interferência do Estado em algumas decisões sobre o funcionamento da família tais como: guarda dos filhos, direito de adoção, reconhecimentos de paternidade etc. Isso significa que as famílias contemporâneas são influenciadas fortemente pelas leis, que atuam principalmente quando há caso de litígio, fato muito comum hoje em dia.

A relação da escola pública e das famílias dos alunos também tem sua história marcada pela ‘disputa’ do Estado em relação à educação das crianças e adolescentes. Essa relação de intervenção familiar é mais intensa no caso das famílias pobres (Cunha, 1997) que apresentam valores e comportamentos discrepantes daqueles propagados pela instituição escolar. Mesmo nas escolas privadas o poder do Estado se faz presente como ilustra a fala da coordenadora da escola Vermelha:

“Já teve casos da mãe não querer que a criança vá embora com o pai da escola, às vezes a gente não pode impedir desde que não tenha uma ordem judicial. Tem caso da criança não poder sair com a mãe ou com o pai ou com avô paterno ou avô materna, tem caso que agente tem o cuidado de quando acontece de um avô que não era para buscar, vim buscar a gente poder contornar e deixar esse avô na escola um pouquinho com a criança e não deixar ele sair com ela e fazer uma comunicação para os pais de alguma forma e quando tem a ordem judicial é mais fácil e quando não tem que é mais complicado. O pai pode entrar na escola, ver a criança. ”

Essa realidade é vivida pelas crianças e pelas escolas que tentam aprender a lidar com esses conflitos que são próprios da família contemporânea. Continuando com Singly(2007) outra característica da família contemporânea é a individualização, os membros das famílias começam a ter seu próprio pensamento, o que aumenta as divergências interpessoais. O pai e a mãe, ou seja, o homem e a mulher estão mais preocupados com seu próprio espaço, a família é mais relacional. São as relações entre homem e mulher, pais e filhos que importam na família. Antigamente a família tinha como finalidade a transmissão do patrimônio econômico o que fortaleceria as relações hierárquicas de poder e, as considerações pessoais eram deixadas de lado. Essa autonomia do indivíduo dentro da família trouxe conseqüências importantes no funcionamento doméstico.

Trazendo para os nossos dias, podemos perceber já algumas conseqüências nas atitudes das crianças e adolescentes por situações vividas nas famílias contemporâneas, como a falta de tempo dos pais para estarem com os filhos, a carreira como prioridade para algumas mães, diminuindo assim, em alguns países a taxa de natalidade; crianças criadas por babás; a falta de limite e respeito pelos pais e sem dúvida, o aumento dos divórcios e separações dos membros das famílias.

Na classe média alta os pais utilizam muitas vezes os bens materiais para suprirem sua ausência na vida da criança, achando que desta maneira podem substituir o afeto também. Numa entrevista para o jornal Estado de São Paulo sobre o livro *Afeto e Limite*, o psicólogo Capellato(2007) comenta:

“Como disse anteriormente, o excesso de informações contraditórias sobre o tema[imposição de limites]confunde os pais, que também se sentem culpados por sua ausência no convívio com os filhos. Alguns pensam ‘tenho que tirar o prazer do filho justamente na hora em que estou com ele?’ Geralmente, os pais também não querem ouvir os choros e gritos que o limite provoca. Mas a ausência de limites produz a prevalência das pulsões do sistema límbico sobre o ego, o que resulta na perda do juízo crítico, o superego. Isso não cria auto-estima. O que acarreta em futuros transtornos de personalidade: desde uma depressão até um desagostoso transtorno de conduta, que pode incluir a perversão.”

A falta de tempo dos pais e o excesso de trabalho, fazem com que muitas famílias deleguem a terceiros a responsabilidade de cuidar/educar os seus filhos. Nas camadas de renda mais elevada as babás aparecem como um personagem muito

importante. Nesse tipo de relacionamento terceirizado, algumas perguntas se colocam: Quem educa? Quem orienta? Quem coloca os limites? A educação tanto formal, como ética e moral, acaba sendo transferida para outras pessoas ou para as escolas. Assim os pais esperam que elas desempenhem a função que tradicionalmente era desenvolvida no espaço familiar com os membros que tinham relação de parentesco entre si. Neste processo de transferência de responsabilidades, perceberemos que a formação de valores das crianças acaba sendo feito pela TV (também chamada de babá eletrônica), ou por meio de jogos eletrônico, dos DVD's etc

De acordo com Martins Filho (2008), algumas babás, assim que as mães saem, colocam a criança na frente da TV para que fiquem quietinhas. É notória a criança viciada em TV, pois aonde chega, quer assistir TV, não tem criatividade, não interage, seu comportamento e vocabulário são de repetição daquilo que assiste. Esses traços denotam a ausência de relacionamento familiar mais estreito na formação da criança. A questão da terceirização da maternidade também apareceu nas entrevistas como uma preocupação das escolas como exemplifica a coordenadora da escola Amarela:

“Olha, tem uma outra configuração, que você não considerou que hoje em dia está muito presente, que é a terceirização da maternidade, que é a criação dessas crianças por babás. E aqui, isso tem muito, isso tem demais e assim eu tenho babás que se responsabilizam, cento e um por cento pelas crianças e a gente ouve: ‘Não ligue para mãe que ela não vai responder’. É tipo isso, então daqui a pouco eu vou ter que incluir as babás no atendimento”.

A fala da coordenadora foi atravessada por ironia porque logo em seguida ela diz que se recusa a conversar com a babá sobre o desempenho pedagógico do aluno. Segundo a coordenadora, cada vez mais os pais faltam às festividades escolares, as reuniões e às vezes nem atendem ao telefone no trabalho, assim passa a ser normal transferir o contato direto com as babás. Isso evidencia uma mudança de funcionamento doméstico na família contemporânea.

A delegação das funções materno/paternas trazem a questão do limite e da autoridade à cena. A dificuldade em conjugar liberdade e limites é uma queixa constante nas famílias contemporâneas e das escolas também. Nessa evolução da família em busca da liberdade de expressão, parece que algo se perdeu.

Numa entrevista para revista Veja Zagury(2006) avalia:

(...) “Era inevitável e saudável que se quebrasse a rígida hierarquia existente até a década de 70, na qual a criança não tinha espaço algum de manifestação. O problema é que se caiu no extremo oposto. Os pais têm medo de impor limites, porque podem traumatizar os filhos. E isso traz conseqüências graves para a família, a escola e a sociedade. Ninguém pode viver fazendo só o que quer e o que gosta. Esquecer disso é voltar à barbárie”.

Os pais acabaram se igualando a seus filhos e os mesmos perdendo a noção de hierarquia dentro da família. Os pais querendo resolver tudo pelo diálogo, ato que não acontecia antigamente quando eram filhos, acabam muitas vezes indo para o outro extremo, numa negociação que não tem fim, perdendo muitas vezes o objetivo que é dar limite. Atualmente com a predominância da cultura hedonista, principalmente na fase da adolescência, onde se procura o prazer imediato, os pais muitas vezes acabam cedendo à pressão dos filhos, se tornando muito permissivos. Essa é uma característica muito vista nas escolas e nos consultórios dos especialistas em geral.

Outra influência nas transformações das famílias contemporâneas é o avanço da tecnologia, o surgimento da Internet e a globalização, que são expressões mais recentes da atual fase da expansão capitalista. Hoje os jovens e as crianças têm o hábito de se ocuparem da Internet e da televisão, passando menos tempo ou até se isolando das suas famílias. A Internet nos trouxe muitas possibilidades, mas trouxe também muitos problemas, como o estímulo ao consumismo. Hoje pela Internet, você pode ser quem você quiser, criando uma diluição entre o real e o virtual, contribuindo para uma cultura do narcisismo, do imediatismo. A própria velocidade de informação nos acelera o esquecimento e a falta de memória, fora doenças como a compulsão, comuns de aparecer para o usuário de Internet, porque vira um vício.

Os pais vindo de um outro tempo, onde as brincadeiras, os namoros, as conversas eram feitas na relação com o outro ao vivo, tem que se adaptar e entender esses novos tempos da globalização, mas há ainda muita preocupação. O celular se tornou um objeto importante dentro das famílias contemporâneas, eu diria essencial, porque é através deste objeto que os pais sabem se seus filhos vão bem, onde eles se encontram, enfim, controlam e até se relacionam com os seus filhos.

Independente dos tempos, o limite sempre foi importante na formação do indivíduo.

“É importante não ver esses limites como algo ‘que não pode ser feito’, mas serem interpretadas com um sentido positivo, que situa o indivíduo em suas relações sociais, que o auxilia na tomada de consciência ‘de qual a sua posição’ ocupada na família, na escola, enfim na sociedade” afirma La Taille (1994).

A dificuldade de colocar limite foi relacionada nas entrevistas com a falta de tempo dos pais, devido às jornadas de trabalho longas, que geralmente implicam que se leve trabalho para casa. Esse tema apareceu em todas as entrevistas.

As coordenadoras e a diretora da escola Branca fizeram um desabafo sobre as dificuldades das famílias se organizarem hoje. A coordenadora da escola Verde disse que os pais liberam seus filhos para faltarem a escola, simplesmente porque a criança quis dormir um pouco mais. Essa atitude revela a pouca importância afinal de contas ela não vai perder nada, não dando importância ao trabalho que é feito na Educação Infantil. O outro fato que a coordenadora observa é a falta de paciência e tempo dos pais em relação à criança, afirmando que esse é um problema da contemporaneidade.

Segundo as coordenadoras das escolas Vermelha e Amarela a falta de tempo dos pais afeta sua participação nas atividades da escola, como reuniões, festas e palestras. Sem contar a falta de tempo deles com as crianças em casa, caracterizando a ausência das figuras parentais mais frequente do que antigamente.

A coordenadora da escola Amarela percebe as dificuldades das famílias contemporâneas e procura orientá-las da seguinte maneira:

“Assim a gente tem falado muito, final de semana sai para passear, sai para andar de bicicleta, vai ao Jardim Botânico, o que faz, convida amiguinho, como é o social? Porque a gente sabe, final de semana, está complicado tem coisas da casa para fazer, o tempo está cada vez mais restrito, acho que as pessoas tão estressadas mesmo, seus momentos de lazer próprio estão cada vez menores, compartilhar isso em família, está cada vez mais complicado”.

As famílias atuais se sentem com dificuldades de formarem sozinhos os seus filhos, assim a escola aparece como a grande salvadora e parceira para essas famílias. Segundo Ibrahim (2005, p.74):

“A escola de um modo geral, se tornou um espaço de deslocamento da omissão da ação educativa da família. A escola parece ocupar(a contragosto, diga-se de passagem) um espaço crescente pelo vazio de autoridade e/ ou afeto deixado pela família”.

A mudança das funções da escola é pressionada pelas mudanças nas funções da família. Segundo a coordenadora da escola Branca a escola passa a não ser só um espaço que transmite conhecimento aos alunos, mas passa também a ser um espaço de ‘salvação’ para os pais. A diretora da mesma escola comenta a questão:

“Então o que a gente vê a escola está entrando demais, a escola está pegando demais algo que talvez tivesse que delegar e devolver para as famílias. Os pais têm pedido para a gente discutir sobre sexualidade, sobre internet, sobre limite, sobre bebida, sobre tipo de roupa, eles pedem ajuda, tem famílias como dissessem assim: ‘é obrigação de vocês’ outros não pedem ajuda. Como faz isso? Como é que eu faço?”

Além das famílias atuais reforçarem cada vez mais o individualismo, essa geração se considera melhor do que seus pais, é uma geração que condena a educação que era exercida por seus pais e avós, sob o pretexto de terem tido uma educação autoritária e rígida. Assim pais e mães das últimas décadas enxergam a educação recebida como negativa, procurando não repetir as práticas educativas feitas pelas gerações passadas (Wagner, 2005). Então essa geração tentando fazer diferente dos seus pais, acaba indo para o lado oposto entrando no diálogo excessivo, na falta de limite, levando à falta de hierarquia na própria família. É preciso encontrar o equilíbrio. A escola Azul reconhece as dificuldades atuais e sua coordenadora procura acolher as famílias e não parece preocupada em ter que assumir parte do papel que tradicionalmente era delegado à família.

“Eu sou muito satisfeita com esse o trabalho que é feito com as famílias aqui, eu acho nós procuramos ter uma proximidade grande delas e ainda assim [a gente] não consegue ter o que gostaria né? Porque nem sempre a gente consegue se aproximar

de todas elas, mas eu acho importante isso, se o professor e a auxiliar estiverem próximos trocando, eles muitas vezes nem precisam procurar a coordenação”.

2.1. As novas configurações familiares

Todas as escolas entrevistadas utilizam um formulário de matrícula com o seguinte tipo de informação:

Sobre o aluno - nome, data de nascimento, endereço e local para atendimento médico de emergência.

Sobre a família (pai e mãe) - nome, data de nascimento, endereço, telefones, grau de instrução, profissão, atividade atual, local de trabalho e telefone do trabalho. Sobre os irmãos - sexo, idade e estabelecimento de ensino em que estudam. No caso da Educação Infantil é também utilizado um questionário de (anamnese) sobre o desenvolvimento geral da criança, com perguntas como: Se o filho tem apresentado desenvolvimento adequado à idade cronológica? Com que idade começou a andar, falar. Como é sua linguagem atualmente? Tem ou teve algum atendimento com profissional especializado (psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo etc.?). Condições gerais de saúde, hábitos e controle dos esfíncteres (para crianças até 3 anos). Aspectos do desenvolvimento sócio-afetivo e, por fim, sobre escolaridade caso o aluno já tenha freqüentado alguma creche ou outra escola. Depois dessas fichas preenchidas há uma entrevista dos pais com a coordenadora e a professora ou só com a professora. No geral todas as cinco escolas entrevistadas seguem esse padrão; o que varia um pouco são as perguntas, por exemplo, nem todas as escolas perguntam se a criança foi amamentada e quanto tempo?

As cinco escolas acreditam que através dessas estratégias é possível conhecer a criança que está entrando pela primeira vez na escola, sua rotina e sua família.

A problemática das configurações familiares pode ser encontrada em diversos textos como novos ‘arranjos familiares’ e ‘novas famílias’. Embora a relação escola-família seja reconhecida como um eixo importante nos estudos sobre escolarização, não encontrei referências suficientes no campo educacional sobre o impacto da mudança do padrão familiar (novas configurações/ arranjos) no universo

escolar. Esse fato me estimulou muito a continuar a minha pesquisa, por entender que este é um objeto relevante dentro das discussões educacionais sobre a relação escola-família, mas ainda pouco explorado.

Como já foi dito, dos anos sessenta para cá, as mudanças das leis e a ajuda do Estado influenciaram transformações dos laços de dependência na família - relação entre parentes, da mulher e do homem e da criança em relação aos adultos. A família veio a perder um pouco da sua autonomia, sendo muitas vezes representada pelo Estado e tendo que buscar mediações em juízes, psicólogos, professores, sociólogos etc.

Nos anos oitenta foi introduzida a categoria “famílias monoparentais”, nos textos legais; esse termo foi escolhido sob pressão das sociólogas feministas. As famílias monoparentais reagrupam as mães solteiras, as viúvas e as divorciadas com filhos, as ‘famílias biológicas que não constituem casal’ e as famílias cujo chefe é uma mulher sem cônjuge (Singly 2007). Hoje em dia a diversidade dos arranjos familiares nos parece natural, mas nos anos oitenta essas famílias enfrentavam muitos problemas, muitos preconceitos. Havia uma hierarquia que classificava a mulher casada (e seu filho “legítimo”) na escala superior e a mãe solteira (e seu filho “ilegítimo”) no nível inferior.

“Pelo fato de ela se tornar uma variável do Estado, ou seja, uma variável na qual os órgãos públicos constroem o mundo social, a expressão ‘famílias monoparentais’ contribui para enfraquecer os estigmas sociais associados ao divórcio e à maternidade sem casamento e, indiretamente, à legitimidade da instituição do casamento”. Singly (2007, p.65)

Seguindo esse pensamento de Singly, observamos que o divórcio, a monoparentalidade e a própria instituição do casamento ganham um outro lugar na sociedade, mas ao mesmo tempo em que os estigmas sobre alguns lugares sociais diminuíram, outras configurações foram surgindo e ocupando graus variados de resistência social como é o caso das famílias homoparentais, adotivas, recasadas e tantas outras. O fato é que as novas configurações familiares, ainda provocam estranhamento pelo diferente, fazendo parte dos desafios da atualidade. No entanto essas configurações já existiam; a diferença é o surgimento de movimentos civis organizados, que através das suas lideranças passaram a exigir seu direito de cidadão,

trazendo questões que preocupam tanto sociólogos, como psicólogos. No fundo, pode-se dizer que o temor acionado por trás dessas resistências é que as novas configurações familiares desintegrem a família, trazendo consequências catastróficas para a organização social e psíquica dos indivíduos.

”É que a harmonia está sempre em crise de referências simbólicas, tendo, constantemente que produzir o que chamo de ‘reorganizações coletivas’ para responder à nova leitura de mundo”. (Ceccarelli;2007)

O que eu proponho investigar nessa pesquisa é como a escola lida com as novas configurações familiares e se ela se reorganiza de alguma forma para incluir essas famílias no seu projeto e na sua prática.

Através das entrevistas foi possível colher alguns dados sobre as novas configurações familiares dos alunos. Algumas perguntas ajudaram nesta tarefa tais como: Que tipos de famílias colocam os filhos nesta escola, considerando a configuração familiar? Existem alunos que vivem novas configurações familiares? Quais?

2.2. A percepção das famílias pelas escolas

A escola Amarela por ser uma escola de cultura religiosa, quando perguntada sobre novas configurações prontamente respondeu ‘famílias mistas’, querendo dizer que só um dos pais é judeu. A coordenadora respondeu que na verdade a diversidade de modelos familiares é cada vez maior e que a cada ano eles se deparam com um novo arranjo.

“Há os casais separados ou em situação de litígio, cujos filhos ficam morando na casa de avós, casa de tios, sem pai ou sem mãe ou no lar das crianças⁴. Filhos adotivos temos muito poucos, um por cento. Mães solteiras, poucos casos, casais de homossexuais não de conhecimento aberto, não de conhecimento divulgado. Na escola tem mais casos de famílias recasadas e casos de viuvez e famílias com dificuldades financeiras, cujas crianças moram em outros lares, não podem morar com seus pais, moram com os avós ou o próprio casal morando com os seus pais, isso tem acontecido cada vez com mais frequência’.

⁴ Instituição judaica sem fins lucrativos

Falando sobre a escolha da escola, a coordenadora da escola Azul afirmou que as famílias procuram a escola por se identificarem com a sua proposta. Como esta proposta está disponível no site, os pais quando vêm visitar a escola já leram, já buscaram informações e muitos vêm por indicação dos amigos, que gostam da escola.

“Há muitos anos atrás era um grupo mais restrito de pessoas ligadas às artes que procurava a escola, porque tinha essa proposta arte-educação, mas agora ampliou o público, está mais democrático, muita gente que mora perto procura a escola e acaba se identificando também, mas a grande maioria vem porque é indicado por um amigo e porque se identifica com a proposta”.

A coordenadora alega ter poucos casos de alunos que vivem em arranjos familiares incomuns. Isso porque ela não considera nova configuração os arranjos de pais separados ou recasados, argumentando que isso já não é novo, é até bem comum. Segundo a coordenadora na Educação Infantil existem menos pais separados porque geralmente eles começam a se separar quando os filhos têm em torno de cinco anos, ou seja, é mais comum ver casos de separação quando as crianças estão maiores, com dois, três anos ainda é difícil, tem alguns casos claro, mas não é a grande maioria. Tem um casal homossexual masculino e já teve, em 2008, um casal de mulheres. Para a coordenadora esse caso foi interessante, porque a mãe do aluno chegou na escola casada com um homem, separou-se e casou com uma mulher. Tem caso de casais que adotaram seus filhos e teve a história de uma mãe que adotou uma filha sozinha sem estar casada. Em termos quantitativos estes casos não são numerosos, mas é interessante notar como essa escola tem conhecimento da situação familiar dos alunos e fala com naturalidade de configurações familiares que ainda são um tabu social. A coordenadora da escola Vermelha diz que ali existem famílias recasadas, crianças adotadas, mas não tem conhecimento de casais homossexuais na escola. Estima que cinco por cento são de famílias adotivas, recasadas tem bastante, segundo a coordenadora é um número representativo.

A escola Verde é procurada por famílias que buscam um modelo de aprendizado diferente. A coordenadora afirma ter na sua clientela muitos casais separados, com alguns casos de brigas judiciais, pais que não podem buscar seus

filhos e nem podem entrar na escola e pais com filhos adotivos. Ela não tem nenhum conhecimento verdadeiro de alguma configuração diferente destes.

A princípio a coordenadora da escola Branca havia dito que não saberia responder que tipos de famílias colocavam filhos na sua escola, mas respondeu se existiam alunos que vivem novas configurações familiares e quais configurações. Afirmou que na escola tinha de tudo, muitas famílias fora daquela configuração tradicional, papai, mamãe e filhos. No entanto, ela não soube dizer, quantos e que tipos de arranjos menos convencionais estavam ali presentes. Em relação a casais homossexuais, eu destaco a fala dela:

“Eu acho que a gente tinha pelo menos duas[lésbicas] assumidas tranquilas, que traziam[o filho] vinham juntas as reuniões, se apresentavam como mãe e maninha entendeu? E outras pessoas a gente sabe, mas as famílias não se colocam normalmente, não se colocam dessa maneira, tá? Nós tínhamos aqui até recentemente um homem que era homossexual, ele tinha adotado uma criança, tá? Ele entrava dentro na escola, falava abertamente para a gente quando tinha um namorado, ele tinha um companheiro com maior frequência, vinha à reunião de pais, quando tinha uma apresentação, apresentar uma pecinha ou ele vinha ou vinha o companheiro dele né? O menino falava em sala desde pequenino, ‘namorado do meu pai é quem vem me buscar hoje no sei que lá’... Então passou um tempo que ele se separou dessa pessoa, passou mais tempo até a época que ele saiu daqui era sozinho, se ele tinha namorado?”

Esse trecho mostra que apesar das mudanças familiares e dessa escola se mostrar inclusiva em relação aos novos arranjos familiares, poucas são as famílias que mostram a sua real configuração familiar para a escola. Os próprios agentes dos novos arranjos familiares e a própria escola se enxergam por trás de um véu, como se a escola soubesse da existência dessas famílias, mas o fato de não se colocarem naturalmente acaba criando um mistério atrás desse véu. Assim a escola, como um veículo que educa e informa, deveria trabalhar esse tema no espaço escolar da mesma forma com que trabalha e se conscientiza dos temas atuais como: o meio ambiente, a violência etc, criando uma possibilidade de desvendar esse véu entre escola-família.

Constatamos que as famílias separadas e recasadas são as mais comuns de encontrar na escola. Na ordem de quantidade de famílias encontradas na escola, as famílias com filhos adotados ficaram em segundo lugar e por último dois casos de

homossexualismo e casos de monoparentalidade, as escolas não conseguiram dar uma porcentagem. Caso de viuvez só foi mencionado pela escola Amarela.

Quando perguntadas sobre a quantidade de cada grupo familiar, todas as coordenadoras se deram conta que a escola não se preocupava em fazer um levantamento sobre as configurações familiares que não sigam o padrão tradicional. Isso tanto pode significar que independente da família, a escola trata igualmente seus alunos, ou que a escola fecha os olhos para as novas possibilidades de viver em família.

Nas cinco escolas, quando era perguntado sobre a existência de casais homossexuais, a resposta mais comum foi: “Que eu saiba não tem, pode ser que eles escondam, ainda não saíram do armário”.

A coordenadora da escola Branca diz lidar tranquilamente com esta questão, porque os casos que apareceram eram assumidos e tratados naturalmente pela própria família. Os pais homossexuais traziam seus companheiros para participarem das reuniões e às vezes em alguma apresentação que o pai ou a mãe não pudessem comparecer, o companheiro ou a companheira participava no seu lugar. Já na escola Azul, a coordenadora tem achado interessante e novo, principalmente, o que diz respeito à reação das crianças em relação aos pais homossexuais. A coordenadora conta que na escola há um casal de homossexuais homens pouco envolvidos com a escola, mas a filha é muito procurada pelos amigos que já perceberam que a menina tem dois pais. As crianças aceitaram bem, mas apresentaram muita curiosidade, trazendo perguntas como: ‘Ela não tem pai?’ A coordenadora diz responder tranquilamente as perguntas e observa como as respostas se processam nas crianças, mas diz que ainda é cedo para colher dados.

Algumas escolas contaram sobre alguns casos dos pais ocultarem do filho o seu novo parceiro do mesmo sexo. Teve um caso em que o filho descobriu sozinho que a mãe tinha uma companheira depois de ter separado do seu pai. Um especialista que atendia o menino passou para a escola, que essa situação vivenciada pelo aluno gerou questões emocionais sérias e muitos conflitos.

Parece que para alguns pais assumirem suas opções conjugais é uma tarefa difícil; existe medo, preocupação de não aceitação dos filhos e da sociedade. A

declaração da coordenadora da escola Azul confirma que a transparência dos pais com a escola é fundamental para que não haja discriminação, nem constrangimento entre as crianças. Já no caso contado acima, a diretora disse que a escola não sabia da situação da mãe. O fato da escola não saber pode muitas vezes limitar a sua ação a favor do aluno. A posição da escola em relação às famílias, às vezes é muito delicada, alguns medos são vividos como a questão até onde se pode ir. A diretora da escola Branca coloca um pouco que a ação da escola tem seus limites dependendo da família:

“Você vê famílias mais disponíveis para vir aos encontros, para ouvir as coisas, você tem famílias mais arredias, você tem famílias que se delegam completamente para a escola, você vê famílias que liberam assim as crianças assim dando responsabilidades pesadíssimas para as crianças”

A citação acima não está referida necessariamente às novas configurações familiares, esse é um ponto interessante, os dados parecem mostrar que as diferenças entre as famílias não se restringem ou dependem da configuração e sim dos vínculos entre os membros e do volume e estrutura dos capitais social, cultural, escolar de cada uma delas. Assim Nogueira(2005) afirma:

“A ênfase será posta agora na atividade própria do grupo familiar, definindo-se sua especificidade por sua dinâmica e sua forma de relacionar com o meio social, em boa medida uma construção sua.”

A autora coloca que a forma que as famílias funcionam serviria como uma mediação entre, de um lado, a posição da família na estratificação social e, de outro, as condutas educativas e a relação da escolaridade dos filhos. Esse fenômeno é devido a um novo contexto social e de uma decorrente mudança familiar e escolar.

As novas configurações familiares sendo diferentes das famílias tradicionais, com as quais a escola está mais acostumada a lidar, abre uma reflexão para os agentes escolares sobre moral, ética e diferença. Percebendo que essas diferenças podem influenciar na escolarização da criança; principalmente se a escola não reconhece nos seus modelos a referência de família na qual a criança tem sua vivência íntima. É verdade que cada família se organiza de uma forma, o importante no entendimento de

como as famílias dos alunos se estruturam é poder interagir com as condições objetivas de apoios e ou de falta de apoio que eles têm para construir seu ofício de aluno. Há momentos de doença familiar, momentos de mudança de cidade, problemas financeiros, rompimentos diversos que afetam profundamente a concentração, as condições materiais e emocionais dos alunos interferindo no seu processo de relação com o saber escolar.

Cabe lembrar que, apesar da modificação no atual perfil da família, essa não deixa de ser um importante núcleo de crescimento e aprendizado para os adultos, assim como para as crianças e adolescentes (Casarin e Ramos, 2007).

Como são os professores que estão no dia a dia trabalhando com as crianças, perguntamos às entrevistadas: na formação dos professores o tema das mudanças nas famílias tem sido abordado?

Seguem as respostas.

Na Escola Amarela a coordenadora diz perceber a existência de uma dificuldade na formação dos professores, mas eles vêm tentando minimizar o que é um excesso ou falta total de autonomia do professor em relação aos pais. É o professor ter um bom senso, o que pode ser dito, o que não pode ser dito, como ele deve se comportar, em que momento ele ultrapassa o limite da confiança entre profissional e familiar e vira ‘comadre’, então é um limite muito tênue. Segundo a coordenadora se o professor não souber trabalhar muito bem, ele mistura as coisas e a família também e quem sai prejudicado é a criança sempre, então essa é uma questão que a coordenação está sempre pontuando. Para esta coordenadora os professores ainda não estão prontos para trabalhar com as novas configurações familiares. A equipe é sempre pega de surpresa de uma certa forma, a cada caso eles vão estudando e tentando se embasar cada vez mais, porque cada caso traz uma nova vertente. Eles lidam com isso, no primeiro momento sempre respeitando o desejo da criança. Aqui a coordenadora cita um exemplo de como os professores trabalham.

“Há uma proposta que mesmo que aparentemente um pouco mais rígida ou fechada por parte do professor, vamos desenhar mamãe e papai, se a criança naquele momento disser não é não, vai ser respeitado o desejo dela. Se na hora que a gente tiver desenhando e quem é? Sou eu, meu tio, minha tia, vai ficar meu tio minha tia, a gente não vai, ah não é papai ou mamãe, mas porque você não desenha papai e

mamãe, não há essa forçassão de barra, isso a gente já conseguiu estabelecer com a equipe de profissionais”.

No final da resposta a coordenadora declara que a equipe vem aprendendo e que na verdade isso é muito novo para todo mundo, eles levam alguns tombos, porque é muito complicado.

A coordenadora da Escola Azul não demonstra achar que as configurações familiares sejam uma questão muito nova, ela acabou respondendo generalizando as afirmações em relação a todas as famílias. Segundo o seu discurso, a família para a escola é muito importante. A instituição acredita que em parceria com a família, eles podem construir um trabalho em conjunto, então tem como objetivo sempre trazê-las para dentro da escola. A entrevistada ainda disse que a escola tem uma conduta diferente de outras escolas, por achar que quanto mais os responsáveis pelos alunos se envolverem com o trabalho, com a proposta da escola, melhor será, porque haverá uma familiarização com essa dinâmica e haverá mais confiança, afinal os pais estão entregando o seu maior tesouro da vida nas mãos da escola e ela também precisa dessa parceria para poder focar, então é muito importante que eles participem.

A escola acredita que um dos grandes investimentos é no professor e considera que a maior fonte de comunicação, de troca com relação com o aluno se dá através do professor. A coordenação está sempre disponível para o atendimento às famílias e o atendimento a outros especialistas (terapeutas, psicopedagogos, fonoaudiólogos etc) que porventura estejam atendendo as outras crianças e procura fazer este intercâmbio entre família, escola e especialistas. No entanto a coordenadora considera que os professores é que detêm maior conhecimento sobre os alunos, de forma que a escola apóia seus professores, para que eles possam ter uma relação adequada e intensa com as famílias. Esse apoio se dá por meio dos grupos que acontecem uma vez por semana e na formação continuada, já que a escola financia curso para os professores com o compromisso que eles multipliquem esse saber junto à equipe. Os auxiliares de turma são remunerados para participar dos grupos de estudo. Esses investimentos em formação são considerados importantes para preparar os profissionais da escola para uma troca boa com os pais.

A escola Azul tem outros veículos de comunicação, como um fórum de pais no site da escola. Ali são discutidos vários assuntos internos e até externos relacionados à educação das crianças. Às pessoas são chamadas de fora para dar palestras, outras vezes os palestrantes são os próprios profissionais da casa, então a escola está sempre buscando essa aproximação. Tem também o jornalzinho da escola, ele sai impreterivelmente toda sexta-feira

A coordenadora não mencionou diretamente questões relacionadas às configurações familiares dos alunos, mas expressou sua visão de que a escola tem que ser responsável pela educação dos alunos, mesmo quando não conta com a parceria desejável da família.

“Eu sempre digo para os professores: ‘ vamos ver o que a gente pode fazer por essa criança na escola’, porque ela tem uma família, digamos nesse caso que eu estava dando um exemplo de uma família desorganizada, são pais que não conseguem se organizar nem com a própria vida, tem horários completamente diferentes, então vamos ver o que nós podemos fazer aqui e o que a gente deve cobrar para que eles colaborem, que nós sozinhos também não podemos dar conta, precisa de parceria. Tem crianças, tem famílias que a gente pede a colaboração, conversa e tem reunião e nada muda, aí eu digo para os professores: ‘ bom não vamos ficar naquela luta, ah a família não colabora, então essa criança é assim’. não o que a gente vai fazer com essa criança né para essa criança poder se desenvolver da melhor forma possível, de que forma a gente vai poder colaborar mesmo não tendo participação tão efetiva dessa família e não rotular a família”.

Para a coordenadora da escola Vermelha os professores lidam muito bem com as novas configurações familiares, ela considera que famílias não tradicionais são um fenômeno comum hoje em dia, o ponto de haver uma inversão onde o diferente, o incomum passam a ser os casais que estão juntos há muitos anos. Ela dá um exemplo de uma atividade simples, onde as crianças são incentivadas a desenharem sua casa. Há várias situações onde as crianças dizem ter duas casas e o professor é orientado a falar para o aluno desenhar duas casas. Outras vezes se fala ‘vamos fazer um desenho para sua mãe, para o seu pai’ em seguida o professor tem que certificar em que casa a criança vai dormir naquele dia na casa do pai ou na casa da mãe. Essas situações são tratadas de maneira bastante aberta. A coordenação procura estar muito próxima do professor, eles estão sempre muito dentro de sala de aula, inclusive a coordenação não tem uma sala própria na escola e procura circular

pela escola acompanhando os professores e os alunos. As crianças lidam com a coordenação como se fizesse parte do grupo deles, as crianças não a vêem como uma pessoa estranha, diferente daquela figura de coordenadora que só se aproxima quando tem contato com os pais ou com a professora. Às vezes a presença das coordenadoras em sala é para poder mostrar para o professor como ele pode lidar com determinada criança, como pode trabalhar com esta criança, às vezes ela instrui o professor auxiliar a lidar com a criança quando faz xixi e esse cocô que às vezes cria situações delicadas, tanto as coordenadoras como as professoras trocam a fralda das crianças, então nesta escola tem o professor que está o tempo todo com a criança, lidando com tudo que possa acontecer com a criança. As auxiliares têm cerca de uma hora por semana de reunião, para colocarem as dificuldades que surgem na sala, dificuldades que elas têm em relação à criança, dificuldades de lidar com algumas situações, trocar com as professoras, com a coordenação, então esse é um momento especial para consolidar um bom trabalho em equipe.

A coordenadora da escola Verde comenta que tem turmas em que é até engraçado, porque por acaso, juntou um monte de famílias diferentes. Nessas turmas que concentram maior diversificação, a comunicação é mais difícil, pois enviam um bilhete para mãe, mas a criança vai para casa do pai e a informação não chega. Muitas vezes a criança esquece na troca de casas, o dever, a pasta, o uniforme etc. Então a coordenação conversa com as professoras sobre o tipo de encaminhamento a fazer. Muitas vezes a família é chamada à escola e resolve comprar dois uniformes, duas pastas uma para ficar na casa do pai e outra na casa da mãe. O intuito nestas reuniões é preservar a criança na escola, zelar para que a rotina do aluno na escola não se altere em função da estrutura ou do momento familiar.

A coordenadora descreve como o professor trabalharia em sala de aula uma situação.

“Vamos desenhar sua casa, a criança fala: ‘Eu tenho duas casas’.então qual você quer desenhar? Tem pai, tem padrasto presente né, que a gente confecciona aqui, bloquinho, então escolhe para quem você quer dar. Eu quero fazer dois, então pode fazer dois. ‘Eu não Tenho pai’‘Você quer dar para alguém? Que dar para o vovô, não quer fazer, quer dar para mamãe’.

Tudo isso é muito falado e trabalhado com os professores, por meio de reuniões com psicopedagogos, coordenação e com a orientação pedagógica.

A diretora da escola Branca acha que na formação do professor o tema novas configurações familiares não tem sido abordado. A formação continuada do professor é fundamental para auxiliar nos grandes desafios que o profissional docente enfrenta no seu cotidiano escolar, manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes são elementos principais. A escola Branca investe na formação continuada dos professores, a diretora comenta estar fazendo um curso com o César Ibrahim que é psicanalista, professor da Puc-Rio e mestre em Psicologia/Puc. Em abril a escola convidou o professor César para dar uma palestra para professores e funcionários sobre essa questão dos desafios da família contemporânea. Além da diretora uma coordenadora esta fazendo um curso do César na Puc, que ela divulgou para escola inteira. Teve um grupo da escola, que depois que ouviu o César falando em abril na escola, ficou interessado em fazer um grupo de estudo com ele para estudar questões relativas às famílias. Na escola a direção e as coordenações pedagógicas põem uma ênfase grande na sua responsabilidade em promover a formação dos professores. Promovem discussões, leituras, debatem vários temas, mas especificamente o tema família ainda não foi abordado como objeto de formação pedagógica. A escola procura sempre fazer esse tipo de coisa, trazer alguém, um texto ou trazer um vídeo, e os educadores discutem entre si. A coordenação pensa em trazer novamente o César, mas com a idéia de convidar os pais para participarem.

Apesar de a diretora dizer que o tema dos novos arranjos familiares não tem sido abordado por este ser um tema ainda muito novo para os educadores, ela afirma que, de um modo geral os professores daquela escola procuram lidar com naturalidade, sem constrangimento para chamar os pais para uma entrevista. Quando a diretora foi coordenadora da Educação Infantil, ela conta que tinha um casal de mulheres. Quando uma delas era chamada para vir a escola, vinham as duas como casal e a escola tratava como qualquer outra família, focando as questões da criança, orientando como proceder com o filho em determinadas situações do dia a dia. Segundo a diretora elas também se colocavam de uma maneira muito tranquila e vinham nas reuniões de pais, conversavam com todo mundo e trocavam informações.

Nesse aspecto a diretora afirmou que a escola lida bem com os novos arranjos familiares. Mas ao mesmo tempo ela demonstrou uma preocupação em relação às crianças, por achar que às vezes isso cria uma situação delicada entre as próprias crianças e coloca um exemplo:

“Quando as crianças começam perguntar assim: ‘O namorado do pai dele’? Mas homem não namora homem” “mulher não namora mulher”. Quando começam a surgir essas colocações feitas, principalmente por criança até uns dez anos é uma preocupação, depois numa idade mais avançada, eles começam a dizer com mais tranquilidade”.

Outras vezes ela sente que aquilo é uma coisa difícil para criança vivenciar, tem vergonha, ela esconde se ela não gosta que a mãe venha na escola, ficando uma questão mal resolvida ali. Quando se percebem essas questões, mesmo não sendo uma coisa comum de se discutir, os professores e coordenadores procuram sempre conversar entre si trocando informações sobre como cada um lidou com a situação. Exemplo:

‘Como você trabalhou? Como você encaminhou? Eu disse que existem outros tipos de casais sim, então tem homem que gosta de homem, mulher que gosta de mulher, é o amor, o amor pode surgir por pessoas do mesmo sexo entre pessoas diferentes’.

Mas ainda é uma novidade para todo mundo e os professores colocam ter uma certa preocupação. Principalmente se surgir um questionamento assim, ‘então eu posso namorar fulano do mesmo sexo que eu?’ Essas são orientações delicadas para a escola, pois a união consensual entre pessoas do mesmo sexo é uma bandeira dos movimentos sociais organizados, mas ainda não é legalizada e nem culturalmente uma posição hegemônica no Brasil.

Estávamos falando de novos arranjos familiares, mas a coordenadora da escola Branca foi um pouco adiante e comentou que os novos arranjos de casais desafiam a escola na reflexão que têm os próprios alunos, uma vez que ali existem adolescentes homossexuais que manifestam sua condição sexual. A diretora relata um caso:

“Nós temos alguns jovens homossexuais, adolescentes né, nós temos, por exemplo, duas meninas que se namoram, assumidas entre aspas a gente vê muito juntas, já ouvi gente[falando] ‘você não sabe, fulano viu, ela beijando uma menina’, sei lá”.

Quando aconteceu essa situação na escola pela primeira vez a coordenação veio à diretoria para perguntar como devia encaminhar o caso. A diretora a orientou da seguinte maneira: deveria chamar as meninas para conversar sobre o fato da sociedade ainda não estar acostumada com os homossexuais, que elas deveriam se preocupar com a preservação delas mesmas, que não era uma coisa para elas esconderem, mas que elas deveriam ter um certo cuidado, poderiam estar perto o tempo todo, mas beijo na boca, deveriam evitar, porque as pessoas não estavam acostumadas e tinham uma dificuldade com essa situação, então para elas irem com mais tranquilidade. Essa foi a orientação da diretora, a outra diretora deu mais ou menos a mesma orientação, então a coordenadora teve uma conversa com as meninas e parece que isso deu uma certa tranquilidade, estão sempre juntas e nunca mais souberam de beijos na boca. Agora, os funcionários às vezes fazem comentários: ‘você já viu duas meninas que só andam juntas e não sei que lá? Acho que elas namoram, acho que elas se gostam, são namoradas, mas pode isso dentro da escola?’

Os funcionários de alguma forma cobraram uma posição clara da escola e a diretora abordou a situação conversando com os funcionários, argumentando que, se outros casais de alunos podem namorar, elas também podem, mas como ainda não é tão natural para a sociedade, isso foi conversado com as meninas e que a escola tem que se preparar, pois é provável que esse tema volte a aparecer e as escolas vão ter que começar a se colocar. Ela se lembra de um professor do Ensino Médio que dizia isso já faz tempo:

“Joana⁵ olha só, como é que a gente atua quando vê qualquer casal de namorados aqui na escola, a gente interfere em qualquer namoro? Não. Quando é que a gente interfere, quando estão se agarrando, beijos homéricos, se esfregando. Você não vai lá e vai falar, gente olha esse tipo de namoro não é para estar dentro da escola, intimidade é uma coisa de vocês, não é para estar em público, então se é essa a interferência, qualquer casal que esteja assim, a gente vai interferir, mas se for uns outros[?], estão sentados de mãos dadas, se derem um beijinho a gente vai interferir?”

⁵ Nome fictício.

Não. Então a gente tem que ter a mesma postura se forem duas meninas ou dois meninos. Se não fica incoerente”.

A diretora relata também que há uns três anos atrás havia duas turmas de Ensino Médio, e uma das turmas tinha muitos meninos homossexuais a maneira de se vestir, a postura e o gesto chamavam a atenção. Então os outros colegas logo demonstraram seu preconceito através de agressões verbais. A coordenação teve que intervir com uma conversa em sala de aula, questionando a maneira como os alunos estavam lidando com a diferença e explicando que era uma manifestação da sexualidade das pessoas e se eles estavam xingando porque fulano é corrupto ainda ia, mas porque ele é homossexual e fez uma escolha não tinha sentido. Então se discutiram várias questões, se colocou também a filosofia da escola que é fazer uma escola diferente, que pode transformar, ter pessoas mais fraternas, mais solidárias e mais justas. Sendo assim não tinha cabimento se relacionar dessa maneira com os colegas. A professora de teatro atuou, a professora de literatura atuou através de conversas com leitura de textos e a turma passou a ter uma convivência bastante natural entre eles.

A diretora avaliando esse episódio quis trazer alguém para falar na escola, mas não encontraram ninguém. Afirmou que a escola tem professores homossexuais, mas que eles não têm uma participação diferenciada de qualquer outro professor. A diretora já percebeu professores das turmas de nono ano que são mais retraídos para falar desse assunto, porque esses alunos quando percebem que o professor é homossexual, eles fazem piadinhas não na frente do professor, mas são maliciosos e assim todo mundo percebe o que está acontecendo, mas ninguém fala. Então o professor pergunta se estão fazendo uma brincadeira com ele ou a coordenação entra e diz assim:

”Olha o fulano é homossexual, vocês estão achando o que, o que é essa brincadeira? Vocês gostariam de uma conversa aberta, vocês acham engraçado? Parece uma doença contagiosa?”.

Ela reporta que há alunos que mostram resistência e mesmo recusa em ter aulas com professores homossexuais. A diretora depois dos depoimentos feitos

comenta: ‘Eu acho que a gente enquanto escola, eu confesso que é uma falha nossa, a gente nunca pegou isso para tratar ou como tratar’

Parece contraditória a colocação da diretora, mas parece que ao longo dos anos a diretora foi se dando conta que mesmo a escola procurando contornar as situações que iam acontecendo da melhor maneira, existe um buraco ou como ela mesmo diz falta um trabalho mais profundo sobre os novos arranjos.

Assim, esclarece La Taille (2007):

(...) “O que acontece na prática é que cada professor lida com seus problemas em sala de aula do seu jeito, acha que está autorizado a se ater aos seus próprios valores prescindindo de uma visão de mundo. É como se cada professor ensinasse um conceito diferente de moral e ética. Tem de haver um trabalho institucional para que o aluno possa ter na sua frente um quadro claro do que ele vive e do que eles esperam dele” (...)

Já a escola Azul, não considera famílias com pais divorciados e recasados como parte das novas configurações familiares, mas famílias com pais homossexuais sim e diz que a escola trabalhar bem com essa questão, mas acha também tudo novo em relação aos filhos desses pais. Mas o fato da coordenadora ser psicóloga e fazer uma formação em terapia familiar a ajuda a ter um olhar mais cuidadoso e pesquisador sobre essas novas configurações familiares.

Através das respostas das coordenadoras de todas as escolas entrevistadas podemos identificar que é natural hoje em dia a existência das novas configurações familiares na escola. Umas afirmam que os professores não têm nenhum problema em lidar com essas configurações, já outras percebem que isso não é trabalhado na formação do professores, muitas dúvidas aparecem no decorrer das situações, assim muitos professores solicitam o auxílio das coordenações e às vezes até da diretoria para atuarem.

Apesar de todas as escolas acharem hoje em dia mais comum o fato de ter pais separados, as cinco entrevistadas colocaram as dificuldades que as escolas passam em caso de separações litigiosas, contaram vários casos. Infelizmente não poderei relatar todas as histórias, mas relatei resumidamente as dificuldades que a escola vive e ações que tomam em relação ao assunto.

Nos casos de litígio geralmente a escola é colocada entre os cônjuges, como se tivesse que tomar partido, nesses momentos a escola se posiciona a partir da preservação dos interesses da criança como aluno. Assim a instituição escolar tenta driblar a disputa entre os pais, é verdade que as coordenadoras tentam colocar para esses pais a importância da boa convivência para o bem estar da criança, mas quando isso não acontece, a escola tenta se defender de tomar partido de um ou de outro, se apoiando na lei, em caso do pai, de uma mãe e até dos avós não poderem pegar ou ver a criança na escola é exigido um documento judicial para que a escola possa agir sem problemas.

As escolas entrevistadas contam nunca ter precisado mostrar esse documento, mas ter passado situações difíceis de ter que falar para um pai, uma avó que ele/a não pode levar seu filho ou a neta para casa. Quando não tem um pedido judicial, a escola Vermelha conta que tentam contornar, deixando esse pai ou avó entrarem na escola e ficar um pouco com a criança, mas a coordenadora explica que não pode deixar levar a criança; porque a mãe não autorizou e às vezes tenta se comunicar com a mãe.

Todas as escolas se mostraram atentas em relação ao trabalho em sala de aula com alunos filhos de pais separados, é o caso da escola Vermelha na hora de preparar algum presente a coordenadora afirma:

“No caso, quando tem duas famílias, acontece da criança querer fazer dois presentes, eles podem fazer, inclusive no final do ano eles sempre fazem um presente para família, em dezembro no encerramento. Este presente da família, para quem tem pais separados, por exemplo, do pai e outro pai, eles fazem dois, um para família e outro para família da mãe”.

A escola Branca relata que independente de qualquer configuração familiar as mães se mostram mais presentes. No caso de separações que os pais não se comunicam bem, a escola procura atender a todos, programando reuniões separadas e entrega de relatórios e informações através de e-mail ou do próprio professor que telefona para esse pai como é o caso da escola Azul, que não usa e-mail como via de comunicação. Nem sempre é caso de litígio, mas infelizmente quem tem a guarda da criança que geralmente é a mãe, boicota a presença do pai. Nesse ponto essas escolas

se mostraram conscientes que situações deste porte podem acontecer e cabe a escola cuidar de incluir aquele que se sente prejudicado, pois entende que a grande beneficiada será a criança.

A escola Azul procura respeitar a lei, então deixa bem claro para os pais que se não houver um documento oficial, a escola vai entregar a criança para quem veio buscar, porque eles colocam que não são eles que vão decidir, nem definir, nem tomar partido. A coordenadora diz deixar isso bem claro para os pais, ela conta que uma vez uma mãe pediu para que ela avisasse caso o pai fosse pegar a criança. Ela disse para essa mãe que não prometeria isso.

A escola Amarela comenta que sempre o enfoque deles é no pedagógico e que eles não têm a pretensão de avançar na seara alheia. Como acreditam que o desenvolvimento pedagógico acaba sendo alterado pelas questões emocionais, afetivas, familiares e sociais, até porque a escola tem essa leitura psicopedagógica que é como um todo, a família é chamada para falar do pedagógico, não para dizer que o seu filho está mal; a escola acha que essa atitude faz as famílias perderem a confiança. Quando a coordenação percebe que a situação está muito complicada, indo ao extremo e percebe que a criança está sendo prejudicada, é sugerido um atendimento, uma avaliação, um encaminhamento. Comparando com a escola Azul, a coordenadora diz fazer um grande esforço para não precisar indicar, ela acha que a escola precisa ver o máximo que pode fazer, o que a escola puder resolver, é muito importante. Hoje em dia é um tal de indicar profissionais externos, a criança já está na fonoaudióloga e depois não se sabe porque a criança fica tão cheia de atividades. É preciso ver o que a escola pode dar conta; a escola Azul procura fazer todo o trabalho na escola, só manda para um atendimento em último caso.

As escolas se mostram conscientes em relação às mudanças familiares e se posicionam de forma aberta em relação as famílias, o que falta é uma reflexão mais profunda do trabalho a ser feito em relação aos alunos sobre essas novas mudanças e suas influências.

Esse capítulo fecha com uma fala da coordenadora da escola azul, respondendo se ela acha difícil lidar com essas novas configurações familiares.

“Dificuldade não, eu encaro sempre como uma coisa nova né, importante para a gente, uma experiência significativa importante, porque outras poderão surgir né semelhantes e tal, então acho muito importante. Já tivemos caso de abuso sexual e isso foi também diferente na época para mim como coordenadora, mas enfim acho isso até mobilizador para a gente pesquisar, entender, estudar, mas acho que à medida que as coisas vão acontecendo, a gente vai tentando encontrar um caminho, um caminho que seja o mais ético possível né, mais respeitoso para as famílias né e não tendencioso, sem tomar partido e tal. Acho que o meu objetivo maior aqui é sempre a felicidade da criança. Quando nós pudermos fazer para que criança não fique muito mal diante dessas situações, que a gente puder colaborar, a gente vai colaborar né, não vou ficar em cima do muro, posso me posicionar, dizer o que eu penso para essas famílias, mas não vou me antecipar, nem tomar nenhuma decisão precipitada, mesmo porque tem aí uma lei. né, que nos respalda”.

3. Inclusão: aluno e família

Compreender o significado e o sentido dados à inclusão é de extrema importância na educação. No momento essa é uma palavra muito utilizada no âmbito social e educacional. A mídia através das novelas vem explorando cada vez mais a idéia de inclusão, mas a própria televisão acaba associando inclusão, principalmente à questão da deficiência física. Como a mídia tem um acesso direto às casas das pessoas, aquela informação às vezes fica como sendo a verdadeira. Essa pesquisa reforça que a idéia de inclusão escolar é mais ampla do que parece. Ela não diz respeito só aos alunos portadores de deficiência, a proposta de inclusão diz respeito a uma escola de qualidade para todos, uma escola que não segregue e que atenda à diversidade de características dos alunos. Então a idéia é trazer a uma reflexão sobre como as novas configurações familiares estão vivendo as questões da inclusão escolar.

Uma das perguntas feitas às escolas foi se elas percebiam diferenças nos alunos de acordo com a organização da família e sua configuração?

Seguem as respostas:

Escola Verde:

A coordenadora diz com certeza, que percebe diferença no aluno de acordo com a dinâmica familiar, que muitas vezes é influenciada pela sua configuração familiar como é o caso de crianças com pais separados. Ela percebe que as crianças pequenas até seis, sete anos, trazem mais o seu mundo familiar. No seu entender, existem crianças que vão para a escola, porque têm que ir e reagem desrespeitando os amigos e as professoras, nestas crianças percebe-se que existe uma dinâmica familiar que precisa ser reorganizada. Assim a coordenadora percebe uma falta de compromisso e seriedade da família com a educação infantil, ou seja, em relação às questões da criança. Esta é uma fala bastante recorrente que tende a culpabilizar a família pelo comportamento escolar da criança. Por trás desta queixa, geralmente,

está a idealização de uma família padrão, que vive na harmonia como numa propaganda.

Escola Vermelha:

A coordenadora entende que na verdade cada família é uma família, e que a escola precisa estar muito aberta para ouvir as famílias e entendê-las acima de tudo, pois acredita que no momento que houver um entendimento das famílias, automaticamente se entenderá melhor as crianças. Diz a coordenadora ter crianças que demonstram uma dificuldade muito grande na escola, mas o que tem se verificado que nem sempre o problema é tanto da criança, mas muito mais do ambiente em que a criança está inserida.

Segundo a coordenadora, a escola se coloca no papel de mediador, abrindo um caminho aberto e um espaço para que os pais se sintam confiantes, acreditando no trabalho da escola e que assim possam ajudar a criança a crescer e a melhorar em algum aspecto que possa estar interferindo no desenvolvimento dela.

Escola Azul:

A coordenadora diz que não se percebe nenhuma diferença nos alunos, devido à sua configuração familiar. A escola nem pensa nesses termos. A coordenadora fala para os professores da importância de lembrarem como a família se organiza. No caso se for uma família desorganizada é preciso levar em consideração e entender quando uma mãe geralmente não consegue mandar algo pedido pela professora. Assim a coordenadora orienta os professores para tentar entender o que poderiam fazer por aquela criança na escola, considerando que ela tem pais que não conseguem se organizar a si próprios. Junto com os professores vêm como podem cobrar dos pais para que eles colaborem, porque a escola sozinha também não pode dar conta, precisa de parceria. Há famílias para as quais é pedida mais colaboração e nada muda, então a coordenadora mais uma vez orienta os professores a não ficarem rotulando a família e sim pensar de que forma a equipe vai poder colaborar mesmo

sem a participação efetiva da família, para que essa criança possa se desenvolver da melhor forma possível.

Escola Branca:

A diretora comenta que as questões que às vezes são observadas nas famílias, não têm a ver com a forma como a família se configura. Tem que ver mais com a disponibilidade das famílias em trocar com a escola, participando dos encontros e se mostrando mais abertas para ouvir a escola. Tem famílias que responsabilizam a criança e a escola por tudo, mas a diretora acha que essas atitudes são independentes da organização familiar. E acrescenta que independente da organização, a mãe ainda é muito mais presente.

Escola Amarela:

A coordenadora diz que a diferença no aluno é percebida a partir do pedagógico. A escola acredita que é através do pedagógico que as questões vem á tona e como o desenvolvimento de aprendizagem acaba sendo alterado pelas questões emocionais, afetivas, familiares e sociais, a escola percebe que às vezes a dinâmica e a configuração familiar podem trazer essa diferença.

Afirma Groisman, Lobo e Cavour(1996, p.90).

“A família, entendida como um sistema com padrões de interação e visões de mundo estruturadas há várias gerações, tem uma organização e um funcionamento que se refletem na sua forma de incorporar e transmitir conhecimento”.

As entrevistadas deixam claro que o fato da criança pertencer a uma nova configuração familiar não faz com que ela se diferencie automaticamente de outro aluno, mas reconhecem que, a dinâmica familiar pode influenciar o aluno no pedagógico. A afirmação de Groisman, Lobo e Cavour, transcrita acima, confirma a colocação das coordenadoras. Apesar de haver um discurso recorrente que crianças

de pais separados são problemáticos, as coordenadoras afirmam que crianças que pertencem a famílias tradicionais às vezes apresentam problemas.

A coordenadora da escola Azul comenta:

“Eu percebo famílias de crianças ditas normais, elas também tem seus problemas, às vezes também tem questões de comportamento tão sérias quanto, a diferença fica marcada em alguns casos que são muito evidentes, as crianças são naturais para lidar com isso eu não vejo assim nenhum caso de rejeição, às vezes até acontece mas, a gente tenta contornar”

O que vai prevalecer não é a configuração familiar, mas como esse sistema funciona e de que maneira ele influencia o aluno. Assim reforçando a fala da coordenadora da escola Vermelha sobre a importância da escuta das famílias para poder entender melhor o aluno. Muitas vezes os professores acreditam que o problema é só do aluno, mas muitas vezes o problema está no ambiente em que ele está inserido.

A coordenadora da escola Verde diz:

“A escola está mais preocupada em preservar os assuntos que acontecem na rotina da criança na escola e que não se altere por conta de alguma estrutura familiar”

Em caso de separação litigiosa é comum a rotina familiar ser radicalmente alterada, pois os pais não se comunicam mais da mesma maneira e a criança sofre com as consequências, como é o caso de desorganização que esquece material, uniforme etc.

Neste ponto é importante a escola pensar o seu lugar de mediador entre a família e a criança. Mesmo que as cinco escolas afirmassem que as novas configurações não são determinantes para estabelecer a diferença de um aluno para o outro, para identificar os problemas dos alunos é importante observar sua família.

No livro *Escola Inclusiva a Reorganização do Trabalho Pedagógico* de Edler Carvalho(2008), a autora, conhecida como uma pesquisadora da inclusão escolar, traz uma reflexão muito importante sobre a diversidade e para repensar o entendimento sobre as diferenças.

Segundo Edler de Carvalho a palavra diferença tem sua multiplicidade de sentidos, essa multiplicidade de perspectivas de que se reveste nas práticas sociais, quando pensamos em gênero, classe social, geração, raça, etnia, características físicas, mentais e culturais. A autora nos faz refletir a partir de algumas perguntas como: Que “marcadores” são escolhidos para considerar uma pessoa ou um grupo como diferente? Como é interiorizada a percepção da diferença que designa um “outro” como diferente? Diferente de quê? De quem? Como são construídas, no imaginário, as fronteiras entre as diferenças, considerada a polissemia do termo?

Essas são questões muito importantes para as escolas pensarem quando se dizem inclusivas. A partir dessas reflexões estarão mais instrumentalizadas a pensar na diversidade e na diferença, contribuindo para o aprendizado dos educadores.

“Mas há um consenso de que as diferenças não podem continuar a ser vistas como meros desvios da norma ou como simples resultados de comparações entre sujeitos”.(Edler, 2008)

Concordando com o comentário de Edler e entendendo que o seu foco é a inclusão educacional, tomo aqui de empréstimo suas reflexões para a inclusão das novas configurações familiares.

As novas configurações familiares fazem parte de um grupo com suas características e nesse próprio grupo há uma diversidade. A união de homossexuais, por exemplo, ainda é vista pela sociedade como algo muito diferente, que foge as regras e isso gera o preconceito. Para lidar com a diferença é importante as pessoas reconhecerem o preconceito; quando se percebe o preconceito, é possível lidar com ele e transformá-lo.

Durante as entrevistas foi possível perceber que o tema das novas configurações familiares é muito novo e principalmente diferente. É interessante observar que as cinco escolas, apesar de não terem informações sobre todas as famílias de seus alunos, são inclusivas em relação as novas configurações familiares que aparecem. As coordenadoras não demonstraram preconceito em relação ao assunto, mas admitiram falta de informação e de reflexão para lidarem com o tema.

Isso nos faz pensar que o fato de uma escola se dizer inclusiva pelo fato de receberem crianças com problemas de aprendizagem, com grau de deficiência⁶, a coloca em uma posição de maior abertura em relação a todas as outras diferenças que atravessam a escola. A escola azul conta um pouco como é feita a inclusão na escola:

(...) a escola sempre foi inclusiva, mesmo antes da lei obrigar o percentual de cada instituição, não é uma escola especial como era chamada antigamente e que aceitava crianças com síndromes isso, aquilo. Tínhamos crianças especiais, mas tínhamos algumas limitações, se chega aqui há muitos anos atrás uma criança com síndrome de down, talvez nós fôssemos indicar uma escola especializada nisso, que era assim que se entendia e que se enxergava, na medida que a gente foi ampliando esse olhar para as crianças com necessidades especiais e fomos cada vez mais atendendo essas pessoas. (...) Mas eu acho, que se o professor, o profissional de educação estiver imbuído nesse espírito pesquisador, que é uma coisa que nós damos muita importância aqui na escola, né, e certamente vai se envolver com aquele caso, vai pesquisar, se informar sobre ele para poder né para poder se envolver com a questão daquela criança que está chegando com a família. Assim vai depender muito, por isso que eu gosto de conversar com as famílias, não para rejeitar, não para não incluir, muito pelo contrário, para poder fazer uma inclusão responsável’.

depoimento da escola azul corrobora a afirmação de Edler (2004, p.111):

“Por seu turno, a proposta de inclusão é muito mais abrangente e significativa do que o simples fazer parte(de qualquer aluno), sem assegurar e garantir sua ativa participação em todas as atividades do processo de ensino-aprendizagem, principalmente em sala de aula.”

Então as escolas entrevistadas são inclusivas, porque têm uma preocupação não só de incluir o aluno no espaço físico, mas de ter condições de verdade de incluir o aluno no cotidiano escolar.

Em relação às novas configurações familiares, as escolas também se mostram inclusivas, mas da mesma forma que as escolas foram aprendendo e ainda aprendem no seu cotidiano escolar, sobre inclusão.

Para a coordenadora da escola Azul as situações geradas com as novas configurações familiares é uma coisa nova, porque é tudo muito novo. Mas ela se mostra interessada pelo fato dela ser psicóloga e estar fazendo uma formação em

⁶ Dependendo do caso as escolas não aceitam a criança, se não tiverem condições.

atendimento familiar. Ela diz ainda estar observando como é a aceitação das crianças filhas de famílias diferentes do padrão, no grupo e relata como a escola trabalha essa nova situação.

(...)casal de homossexuais homens, por exemplo, eles são poucos envolvidos com a escola, vem muito pouco aqui e tal, mas a filha é muito procurada pelos amigos e os pais já perceberam que é um pai né, que ela tem dois pais, vamos dizer que assim que eles dizem e tem aceitado bem, ninguém tem discriminado, tem vindo me perguntar aí como é como não é, até agora ninguém me procurou ou nem deixou que um filho não fosse a casa dela ou de recebê - lá por conta disso, tem sido uma aceitação bem bacana, alguns já chegaram a perguntar: ela não tem mãe? Eu digo não, ela não tem. As crianças que perguntam. A mãe que vai convidar normalmente fala, mãe com mãe, combinam vai para casa, não eu digo, ela não tem mãe, ela tem o pai, porque o pai oficial é um só. Eu procuro respeitar a privacidade das famílias’.

Os casos trazidos pelas escolas Azul e Branca foram resolvidos conforme as situações iam aparecendo. Mas temos que levar em conta que essa é uma realidade que vem se aproximando a cada dia. Mudanças na legislação como a aprovação do reconhecimento dos casamentos homossexuais, abrem um leque de possibilidades, como o aumento de adoções por homossexuais.

3.1.Espaço que as escolas disponibilizam para o encontro com as famílias

Foi possível identificar as possíveis mudanças que algumas escolas já fazem e que outras começam a refletir sobre, nas respostas dadas às perguntas: Vocês fazem festas como dia dos pais ou das mães? Que festas envolvendo a família são realizadas?

Na escola Azul só comemoram o que os alunos aprendem na escola, então eventualmente, pode ter uma festa com as mães, porque o projeto que foi feito envolvia o trabalho das mães e depois dos pais, precisa estar contextualizado com o projeto de pesquisa da turma, para serem comemoradas na escola. O outro motivo que levou a escola a optar por não fazer festa do dia dos pais ou das mães foi porque as famílias de hoje em dia se configuram de formas muito diferentes. Eles são uma

escola laica, qualquer família será recebida independente de raça, credo, cor. Assim a escola não comemora também datas religiosas como Natal e Páscoa, por exemplo.

A escola Verde não faz festa em nenhuma data comemorativa, a única data é do aniversário da criança que é feita coletivamente dentro de um projeto pedagógico, o aniversário é interno, coletivo, se você tem mais crianças que fazem em agosto, as mães se falam mandam o lanche para a escola. A escola manda uma lista de idéias com comidas permitidas e as crianças que produzem a festa na escola, enrolando o brigadeiro, montando os sanduíches e etc.

Não é comemorado o dia dos pais e nem o dia das mães, mas as crianças confeccionam uma lembrança, uma cartinha, os pequenos pintam a mãozinha, porta prato, o que é possível para essa faixa etária. No final a entrevistada se lembrou de uma festa que envolve a família, o piquenique no início do ano que é voltado para uma integração das famílias, então as famílias trazem lanche, tem música e várias atividades.

A escola Vermelha não comemora dias dos pais e nem das mães, o que eles fazem é a festa da família. A coordenadora alega pelo fato da escola pensar nas crianças que não tem o pai ou mãe, ou às vezes as que têm, mas na ocasião o pai ou a mãe estão viajando por motivo de trabalho ou por férias mesmo. A escola teve o cuidado de optar pela festa da família para estas crianças não se sentirem totalmente excluídas deste momento. Apesar da escola não fazer festa no dia dos pais ou das mães, as crianças fazem o presente para levar pra casa, mas a criança tem a liberdade de poder oferecer este presente para quem ela achar que merece receber nesta data. A coordenadora diz:

“Não é uma coisa que a criança tenha que fazer para o pai ou para mãe, ela pode dar às vezes para uma avó, um avô, para uma tia que ela tem uma relação muito forte, às vezes para a própria mãe que não é mãe, a madrasta, mas que naquele momento que é muito importante para ela. Então é colocado muito neste sentido este presente”.

A escola Amarela comemora o dia dos pais e o dia das mães, mas a coordenadora comentou que vem sugerindo mudar para o dia da família, mas há uma demanda da instituição de ainda trabalhar a data de forma original. Parece que para o

ano que vem essas datas vão ser repensadas. A escola procura trabalhar essas datas de uma forma cuidadosa. Quando é feito um convite e não é colocado nem o nome do pai e nem da mãe, nem queridos pais, porque às vezes não é a mãe e o pai que estão recebendo o convite em casa, é um outro responsável pela criança. Então a escola coloca ‘senhores responsáveis’ ou ‘aos responsáveis’. A coordenadora alertou para um fenômeno, muito presente, que é a terceirização da maternidade, a criação das crianças por babás. Então, quando é mandado o convite para casa vai com um canhoto com a confirmação da presença, porque a escola começou a fazer isso para evitar chegar no dia da festa não ter alguém junto com a criança, então se não responderem em dois, três dias antes, se liga para casa do aluno para perguntar se o responsável vem ou vai mandar alguém, pode vir até irmão mais velho que esteja na escola, mas a escola acredita que é importante alguém ao lado da criança.

A escola Branca não celebra dias dos pais ou das mães, mas o fizeram, até cinco anos atrás. A diretora conta que a escola não fazia, passou a fazer e deixou de fazer novamente. Isso devido a vários questionamentos como a própria questão de ser uma data comercial. A escola não comemora o dia do soldado, o dia do índio, dia da árvore, então para escola não fazia sentido comemorar o dia dos pais e nem das mães e nem era a proposta de trabalho da escola. Se vai trabalhar a natureza, tem que ser dentro de um determinado contexto. A diretora conta que agora eles estão com um novo projeto de trabalhar com os índios, através da escolha de duas a três tribos. ‘Esse trabalho é diferente de comemorar simplesmente o dia do índio’.

Para a escola o dia dos pais e das mães são datas puramente comerciais, comemorar não é uma incumbência da escola, se pensa que cada aluno comemore com a sua família essa data. Mas teve uma época que os pais questionaram, que fazia parte da nossa cultura da sociedade em que a criança esta inserida. Voltando assim a se comemorar o dia dos pais e das mães, assim sempre era feito um presente pelas crianças. Depois de um tempo outro questionamento começou a surgir, com o aparecimento de alguns problemas relacionados a casais separados, como exemplo: o pai que era ausente e não comparecia a festa. Assim se pensou em fazer a festa da família, mas alguns agentes da escola diziam descaracterizar, ‘faz ou não o dia do pai, da mãe’. Os professores voltaram a achar inclusive politicamente que deveriam

questionar essas datas e não incentivar esse consumo. Enfim decidiram que não é uma questão para trazerem para o seio da escola e deixaram novamente de fazer. Assim as famílias só são convidadas em eventos como: festa junina e sarau.

Trazer as respostas dadas pelas escolas sobre a comemoração do dia dos pais e das mães teve o intuito de identificar se havia dificuldade na inclusão das novas configurações familiares. Uma escola ainda se mostrou com dificuldade de aceitar a realidade da mudança da instituição família. Continuando a comemorar o dia dos pais e das mães como antigamente e outras escolas deixando de comemorar a família. Não procurando novas possibilidades de festejar com os membros que fazem parte de uma família, independente da sua organização ou com suas faltas, como é o caso da escola Amarela que se depara com um caso de falta.

“Dentro disso também, situação de famílias que não tem mãe, que não tem pai, então vivemos agora situação dos dias da mãe, o que a gente faz, a gente respeita a criança, na verdade a gente não impõe a criança, enfim ficou órfão de mãe no ano passado e esse ano o primeiro ano do dia das mães que ele ia ficar sem a mãe, o que você quer fazer? Eu quero fazer um presente para o meu pai, a gente vai lidando com essas diferenças na medida que a gente sente o espaço com a criança, com a família, é o respeito mesmo à diferença que ela existe. Em caso da criança ter duas referências como pai, a escola abre a possibilidade da criança confeccionar dois presentes”.

Nesse depoimento é claro identificar que a escola vai lidar com uma situação delicada. Mas será que a pergunta que ela deveria fazer é o que a menina quer fazer? Isso não pode acabar reforçando a sua falta ou sua diferença em relação às crianças?

A escola Vermelha em seu depoimento em relação às festas se revelou a escola mais reflexiva quanto às novas configurações familiares, procurando preservar a criança, levando em conta o ambiente em que ela está inserida. Essa escola demonstrou ser uma escola inclusiva. Já as escolas Branca, Azul e Verde ficaram mais presas à questão social, não dando importância a festa familiar.

A escola Amarela inclui as famílias, mas ainda está num processo de reflexão sobre as novas configurações familiares, se mostrando uma instituição bem tradicional em relação às festas.

Então se pensarmos que o significado de inclusão que consta nos dicionários é “ato de inserir, colocar em; fazer figurar entre, integração e inserção” vemos que a

escola precisa se informar melhor sobre o contexto de vida familiar de seus alunos, o que exige mudanças das suas próprias práticas pedagógicas.

Daqui para frente as novas configurações familiares vão exigir da escola um diálogo constante com a família. A escola será um espaço inclusivo quando houver uma integração entre todos que nela trabalham como os alunos e famílias, participando de uma reflexão em torno das funções sociais e pedagógicas da escola.

Assim Edler afirma (2008, p.91):

“As escolas precisam mudar e, talvez, o maior desafio seja levá-la à consciência da necessidade urgente de mudança para o que, como nos ensinou Habermans- devemos estimular as ações comunicativas entre os sujeitos que nela estão, permitindo-lhes compartilhar medos e expectativas, bem como apontar caminhos para as transformações”.

4. Família e Escola: divisões de papéis

Nas entrevistas com as coordenadoras da Educação Infantil, foi pontuado que o momento de ingresso das crianças na escola é um momento delicado para os pais, porque é a primeira vez que seu filho sai de casa para outro espaço, passando a ser tratado por outras pessoas que não são da família. Outro aspecto ressaltado pelas coordenadoras foi à importância de estabelecer um vínculo de confiança entre a escola e a família, nesse processo de adaptação da criança na escola é fundamental ser transparente com a família. .

Uma das perguntas feitas nas entrevistas foi como é feita a coleta de informações sobre as famílias, quando resolvem matricular seu filho na escola? Verificados que todas as escolas possuem as fichas de matrícula com dados demográficos e que todas fazem uma anamnese e uma entrevista, são coletas de informações guardadas numa pasta que acompanha a criança até o fim da Educação Infantil. Assim, analisando os modelos de fichas de matrícula a que tive acesso, teve uma escola que me chamou atenção pelo fato de se preocupar com a configuração familiar da criança. Nessa ficha era perguntado se os pais eram separados e se possuíam outros parceiros, se a criança tinha irmãos de outro casamento dos seus pais. Essa escola se mostra atenta para as novas configurações familiares, enquanto as outras mantêm um padrão de perguntas como se todas as famílias continuassem a ter uma configuração tradicional (pai, mãe, filho/s).

Antigamente as crianças entravam na escola por volta só dos três ou quatro anos de idade, porque as mães não trabalhavam fora e podiam cuidar dos seus filhos. Hoje com a entrada da mulher no mercado de trabalho, colocar o filho nas creches virou necessidade, aumentando assim o número de escolas que recebem crianças de uma faixa etária menor do que se recebia antes.

O acesso a Educação Infantil nos primeiros cinco anos de vida é um direito da criança. É o que diz a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do adolescente e a lei diretrizes de bases da Educação (LDB). Por lei, é tarefa do município assegurar o atendimento a todas as crianças de zero a cinco anos de idade, em creches e pré-escolas.

Numa das escolas a coordenadora que entrevistei não se mostrou a favor das mães colocarem as crianças tão cedo na escola, ela faz campanha para as crianças entrarem por volta dos dois anos de idade e só incentiva aqueles que ela percebe que os pais não têm outra saída. É lógico que esse é um pensamento de uma coordenadora de escola privada de classe média alta, que sabe que seu público tem condições de cuidar do seu filho em casa.

Já não é o caso das classes menos favorecidas, que necessitam da creche para poder sair para trabalhar. No ano passado, mais de sete milhões de crianças brasileiras foram matriculadas na Educação Infantil (Unicef, 2008) porém, o número de vagas oferecidas em creches e pré-escolas públicas ainda não é suficiente.

Segundo a pesquisa Aspectos Complementares da Educação 2004, realizada a partir dos dados da Pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNDA), apenas 14 a cada 100 crianças de zero a três anos de idade freqüenta a creche. Mas a realidade da educação infantil brasileira está começando a mudar. É que, com a aprovação do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), pré-escolas e creches, que antes ficavam de fora do orçamento, passam a ter recursos garantidos, esse dinheiro vai para os municípios de acordo com o número de crianças de zero a cinco anos que estão matriculadas.

Outra questão vista pela coordenadora da escola Amarela que a escolha pela escola já está sendo complicada. As escolhas estão muito apressadas, motivadas pela demissão de uma babá e a impossibilidade dos pais de ficarem com a criança em casa. Assim a escolha da escola acaba sendo, às vezes, por necessidade e não por convicção. Isso quer dizer que os pais muitas vezes não procuram saber a filosofia da escola e muito menos ler o projeto político pedagógico, aliás muitos pais nem sabem da existência desse projeto. Como a necessidade fica em primeiro lugar, o mais importante é ser perto de casa, ter crianças e pais conhecidos, ter um espaço físico bom. Não que esses aspectos não sejam importantes também, mas a ordem de critérios para escolha da escola é que fica em questão.

Segundo a coordenadora da escola Azul, os pais procuram a escola, porque se identificam com a proposta da escola, que tem uma preocupação com os direitos da criança, direitos humanos, e pela proposta mesmo pedagógica da escola. Já a escola

Verde é procurada por famílias que buscam modelo de aprendizado diferente do que tiveram e estão buscando uma coisa nova ou que tiveram essa oportunidade e querem dar continuidade aos filhos, antigamente essa era uma escola de intelectuais, pessoas mais alternativas buscavam. Hoje em dia não, são pessoas simplesmente que não querem uma escola tradicional. As outras três escolas comentaram que a escola é mais procurada pela necessidade.

Quando os bebês passeiam com suas mães pelo parquinho ou pela praia, é normal ver as mães conversarem sobre a qualidade das escolas e quando cada uma está pensando em colocar o seu filho e marcarem uma visita conjunta nas escolas.

Essa ansiedade é uma característica dentro da família contemporânea, eles querem logo seus filhos de um ano e meio com a agenda cheia. A coordenadora da escola Vermelha explica para esses pais ansiosos que o que a criança precisa mesmo nessa fase é o calor humano, ou seja, o contato físico, uma só pessoa que dê atenção para ela, brincar no seu quarto ou passear. Segundo a coordenadora, quando essas crianças mais novinhas entram na escola, eles procuram acolher a criança dessa maneira com muito contato físico, sem impor uma rigidez em relação às atividades.

A outra preocupação das famílias atuais é encontrar rapidamente aquele que vai ajudar na criação do seu filho, Quem vai botar para dormir? Quem vai me ajudar na amamentação? Quem vai levar no parquinho? Entre outras preocupações.

Através das percepções das escolas foi possível constatar a dificuldade dos pais de não saberem o que fazer com seus filhos. Muitas questões são trazidas para a escola, como se ela pudesse responder a todas ou como se ela tivesse receitas prontas. Como podemos observar nesse comentário da coordenadora da escola Amarela:

“A gente vê a desinformação nesse sentido, quer dizer não falta teoria, mas falta a informação da prática mesmo como eu faço? Como eu faço para desfraldar, tirar chupeta, como eu faço para o meu filho brincar com o amiguinho, se eu não conheço a mãe do amiguinho. Como eu faço, essa pergunta tem sido cada vez mais freqüente”.

Segundo a coordenadora da escola Amarela a informação não é o problema, a Internet está aí para ajudar, hoje em dia todo mundo sabe o que é construtivismo

sabem quem foi Freud, ego, superego, Piaget. *‘Mas o problema não é a teoria é a prática, quando você coloca limite no seu filho e ele chora é muito chato’.*

Os pais não têm tempo para ficar com seus filhos e quando chegam tarde em casa querem brincar com o filho, mas não querem dizer não para ele. Assim os pais vão delegando para as escolas algumas de suas funções como: ensinar a amarrar o sapato, a limpar o nariz e a dizer não.

Esse foi um tema que ouvimos comentários de todas as escolas sobre a expectativa dos pais que a escola eduque seus filhos e coloquem limite neles. Como já vimos esse é um tema que atormenta as famílias contemporâneas, as escolas entrevistadas confirmam que essa é uma preocupação atual dos pais e sempre que podem pedem socorro à escola, pedindo que façam palestras sobre o tema ou para ensinar como é que faz? A diretora contou a seguinte fala da coordenadora do infantil:

“Joana estou chocada, porque todas as famílias que você recebe que você vai discutir, o primeiro nó é limite, não dá limite para crianças, é completamente confusa essa questão, trata a criança como se fosse um adulto, quer discutir. Eu vou discutir primeiro com ele para não sei que lá”.

Capelatto(2007) comenta:

“dúvida sobre os limites: não saber distinguir entre isso e autoritarismo. Têm medo de sentir culpa e não sabem se é justo impor limites quando se sentem ausentes. Os pais são bombardeados pela mídia, pela escola com a idéia de impor limites, mas ninguém lhes dá a dimensão justa e ética do que é isso e de qual é a sua real função psicológica”.

Na fala a seguir, fica registrado a dificuldade dos pais no cotidiano da criança e principalmente a dificuldade de frustrar o filho com um não, como se o tempo todo os pais precisassem fazer seu filho feliz, mas essa é uma atitude ingênua dos pais. Não possibilitando o filho aprender a lidar com a frustração e a lidar com um mundo real.

“Principalmente hoje em dia em relação a limites, eles querem limites. Na última que a gente teve, perguntou para o palestrante ‘‘o meu filho não quer comer o que eu faço’’ e o outro ‘o meu não toma banho’, não querem e querem saber e quando vêm

aqui para a gente também com alguma questão, né? agora semana que vem vou atender uma mãe que a menina tem pesadelo, ‘O que que eu faço’? então eu acho que às vezes tem uma falta de experiência, às vezes uma questão de não frustrar o filho, achar que ele não vai gostar porque está dando limite”.

Quando pensamos na palavra limite é normal pensar logo na fase da adolescência, mas o que eu constatei, que as coordenadoras da Educação Infantil também se queixam dos pais não colocarem limite nas crianças. Estamos vivendo num mundo muito consumista, que o ter está sendo muito mais valorizado do que o ser. Assim a criança de hoje recebe estímulos de consumo tanto dos meios de comunicação, como dos seus próprios pais que estão ali para passarem valores, regras, ética, ajudando na sua formação como indivíduo. Mas o que alguns especialistas da psicologia (Capelatto2007; Ibrahim2005; Zagury2005) dizem, que essa nova geração de pais, ainda está vivendo na fase da adolescência, fora os mesmos estímulos consumistas que eles recebem, assim encontrando dificuldade de escolha e de colocar limite para si. Como eles irão colocar limite em seus filhos? Dentro dessa dificuldade a escola se sente sobrecarregada em fazer o papel da família, a escola passa a não ser só um lugar que se adquire conhecimento, mas um lugar no qual a criança aprende higiene, amarrar o sapato, a fazer xixi no vaso, a comer, beber etc...

Segundo o autor Coomonte (2003, p: 53):

“De acordo com isso, pode-se dizer que a família é a primeira instituição mediante a qual se “reproduz” o básico da sociedade, papel reprodutor que alguns costumam aplicar exclusivamente à escola, gerando assim uma grande confusão na interpretação da dinâmica estrutural”.

A fala a seguir da coordenadora da escola Vermelha, revela a relação que as famílias estão criando com a escola.

“Antigamente as famílias tinham uma coisa de passar um para o outro, era mãe que passava para filha, avó que passava para mãe e você tinha uma coisa de poder lidar mais com a criança, hoje em dia você não lida muito com a criança: eu acho que os pais não estão muito presentes, tem pais, que falam para criança; você vai ficar na escola, porque a mamãe precisa trabalhar, ela diz todo dia isso para criança, como se isso fosse uma forma da criança entender o porquê da mãe estar deixando a criança na escola. Eu acho que isso para criança na minha cabeça, não representa

muito, eu acho que é muito mais a atitude que você tem de firmeza, de carinho, de sentir que você precisa trabalhar, mas passar para esta criança que você vai trabalhar, mas que ela vai ficar bem cuidada por outra pessoa, que você quando estiver em casa, você vai estar com ela e não estar em casa e não estar, então a criança que tem este tipo de conduta, ela lida muito bem com este despedir da mãe na escola. Valorizar a escola, a criança vem à escola, ela vai à escola, porque é bom ela ir; ela não vai à escola porque eu preciso trabalhar, ela vai à escola, porque é importante para você crescer, se relacionar, ter amigos e é isso que a gente quer que a escola seja um lugar de prazer para criança, não é um lugar de depositar crianças”.

Podemos constatar que a escola se tornou para as famílias um lugar de segurança em todos os sentidos, a escola vai substituir a obrigação dos pais de educar, direcionar, cuidar, alimentar e do afeto em parte também, porque é ela que vai suprir a falta dos pais. O lar é substituído pela escola, aonde a criança passa a maior parte do seu tempo. De certa forma a escola contribuiu para esse mecanismo, porque ela percebeu que poderia ajudar os pais oferecendo mais serviços.

La Taille(2007) comenta:

‘Depende muito dos dirigentes da escola. Se a escola para eles é uma empresa que quer lucro, fica muito difícil, sob o aspecto moral, buscar uma formação ética nesse contexto, porque a tendência é você se adequar ao que quer o cliente, adequar seu produto à demanda’.

Assim foi criado o horário integral e extracurricular nas escolas. Algumas crianças entram às sete horas da manhã na escola e só saírem às seis horas da tarde, onde seu convívio fica reduzido a algumas horas por semana em casa. É normal pensarmos que a escola é uma extensão de casa e que as escolas desejam e procuram trabalhar em conjunto com as famílias.

Todas as escolas entrevistadas afirmaram concordar com a importância da parceria escola-família.

Duas escolas X e Y confirmam essa afirmação:

1) “Escola sem família é impossível, eu acho que a escola tem essa preocupação muito de ter essa família muito próxima, porque eu acho que a gente está lidando com a criança e a criança é muito dentro desta família, então a gente precisa ter mesmo esta família, seja boa, seja ruim, é a família da criança e a gente precisa contornar que seja o melhor para essa criança, eu acho que a família é importantíssima no desenvolvimento da criança e a escola tem esse caminho aberto muito para família mesmo, acho que precisa ter”.

2) “A família aqui na escola é muito importante, assim nós acreditamos que em parceria com ela, nós vamos construir o nosso trabalho, então nosso objetivo é sempre trazê-las para dentro da escola, diferente de muitas escolas, nós achamos que quanto mais eles se envolverem né, com o nosso trabalho, com a nossa proposta, melhor será, porque nós, é, eles vão se familiarizar com essa dinâmica e vão confiar mais, afinal eles estão entregando o seu maior tesouro da vida deles nas nossas mãos e nós também precisamos da parceria deles para poder focar, então é muito importante para nós que eles participem”.

Compartilho com essa segunda escola a questão de algumas escolas gostarem de envolver as famílias ou não em suas atividades. Assim uma das questões elaboradas para a pesquisa foi como a escola trabalha o tema família no seu cotidiano e se eles trabalham com os alunos aspectos da identidade familiar?

Eu identifiquei uma dificuldade das escolas em responderem a essa questão. A única escola que respondeu direto sem problema foi a escola Amarela, por ser uma instituição cultural religiosa e que traz a questão da tradição como característica forte. Então o ano inteiro são elaborados projetos ligados às festas judaicas, que proporcionam a inclusão das famílias o tempo todo, tanto na preparação das festas, como sua ida da família nas comemorações. O outro aspecto trabalhado o tempo todo é a identidade judaica, com o objetivo de passar a cultura judaica seus costumes, suas festas, valores e a própria história. Existe um projeto muito interessante chamado herança familiar no ensino fundamental, que os alunos pesquisam sobre suas famílias, criando um álbum com fotos, documentos, declarações, fazendo um resgate da herança familiar.

Já as outras escolas responderam que o tema especificamente da família, não está incluído no currículo, até porque algumas escolas trabalham com um tema anual e dentro disso vai desenvolvendo atividades e pequenos projetos. O que acontece é que geralmente que dependendo do projeto, a escola procura incluir a família. Se a turma está trabalhando o corpo humano, chamam algum pai que é médico para falar sobre esse tema. Outras duas escolas entrevistadas trabalham como a criança nasceu, o que fazia quando era bebê, que coisas ele faz agora sozinho, trazem objetos de quando eram bebês. Acaba que através desse projeto a família aparece.

Entende-se que o olhar para a família é fundamental, desde a sua primeira visita a escola, a parceria entre essas duas instituições é fundamental na formação da

criança, principalmente na Educação Infantil. É através do convívio social que ela vai aprender a se relacionar consigo e com o outro. Assim desenvolvendo as suas partes motora, cognitiva e afetiva. A criança vai adquirindo hábitos cotidianos, por isso é de extrema importância que haja uma boa interação entre a escola e a família para que juntas possam criar um ambiente de segurança, conhecimento e afeto para a criança.

Foi pedido no final das entrevistas que as coordenadoras falassem três palavras que gostariam de dizer para as famílias.

A Escola Vermelha : “ Essa segurança que precisa , a afetividade e principalmente neste primeiro momento dos pequenos e eu acho essa verdade que a gente tem que sempre passar para os pais. Se a criança se machucou ou foi mordida, dizer sempre para os pais, não esconder situações que aconteçam dentro da escola. Está sempre informando”.

A Escola Amarela: “Colocação de limites para as famílias, eu acho que a escola tem que fazer isso, mas saber fazer de uma forma que assim, eu estou colocando limite para você pai e mãe, mas eu não estou fechando as portas da escola, eu não estou impedindo que você não veja nada, porque as coisas se confundem, colocar limites, então vocês estão me escondendo alguma coisa. Não continua tudo exposto, mas há um limite na sua atuação, isso aí a escola tem que fazer um pouquinho melhor, acho [que tem que]continuar privilegiando a qualidade não a quantidade, acho que isso é uma coisa importante da escola manter o pé, na sua filosofia e na sua crença”.

A Escola Azul: “Eu acho importante que elas estabeleçam relação de afeto e respeito com os filhos e as pessoas em torno, porque isso é muito importante, é acho importante que elas se relacionem também com a escola, de alguma forma participem. Hoje em dia a escola contribui muito para a educação das crianças, não é só o aprendizado pedagógico, mas também essas questões de valores, sociais, enfim que mais? Falar três coisas assim, é tanta coisa para as famílias. Enfim, que sejam amorosos e respeitosos com seus filhos, eu acho que crianças que recebam afeto, mesmo que surjam problemas ao longo aí do caminho, elas vão ter muito mais suporte para resolver suas questões né? Afeto, sinceridade, criança é um poço de sensibilidade, eles encaram tudo com muita sensibilidade, que possam ser os mais verdadeiros possíveis nas relações, acho isso importante”.

A Escola Verde: “Participem da escola, questionem e contribuam”.

A Escola Branca: não respondeu essa pergunta por ter esgotado o tempo da entrevista.

As coordenadoras disseram algumas palavras sobre as funções da escola em relação à família que eram importantes:

- Capacitar sempre os profissionais.
- Rever as datas comemorativas dos seus modelos de festividade.
- Ser transparente com as famílias.
- Saber lidar com suas limitações.
- Saber definir as regras.
- Equilibrar a relação escola-família.

Podemos observar que as coordenadoras desejam a participação dos pais na escola, mas há um desejo também que os pais possam contribuir mais com a escola, principalmente na atitude do respeito, do afeto, da sinceridade, do cuidado com os seus filhos. O outro ponto é sobre o limite que a escola privada, sujeita às forças de mercado, tem que se colocar para defender sua filosofia. O pai como consumidor se acha no direito muitas vezes de interferir na conduta pedagógica e a escola muitas vezes preocupada com a quantidade, acaba perdendo sua qualidade. Esse é exatamente o ponto que a escola Amarela ressalta o cuidado que a escola precisa ter nessa relação tão delicada entre escola-família e aonde cada uma pode interferir. É verdade que atualmente com a falta de disponibilidade dos pais, faz com que deleguem parte de suas funções tanto aos profissionais da educação, como profissionais especializados como psicólogos, fonoaudiólogos etc. Ibrahim (2005, p.74) afirma:

“O nosso discurso de” “especialistas” nos confere um extraordinário poder. Nós sabemos sobre o que é melhor para os jovens. Falamos desde um patamar desses serviços (oferecidos pelo Estado e pela iniciativa particular), aumentando a área de omissão do exercício da paternidade”.

É preciso que a escola e os profissionais que trabalham com crianças e adolescentes percebam o sistema familiar em que a criança está inserida e ajudem os pais a resgatar suas atribuições. É importante chamar a atenção dos pais para assumir a sua parcela de responsabilidade social sobre a educação.

As entrevistas confirmaram o quão complexa é a relação escola-família no cotidiano escolar. Todos concordam com a importância desta parceria para a

construção da identidade do aluno e de um bom desempenho escolar, mas a verdade que nas situações ocorridas no dia a dia, às vezes, as fronteiras são esquecidas e as invasões acontecem. Cabe a cada lado dessa parceria entender o seu papel e assim haverá a possibilidade de criar um vínculo de confiança e respeito.

5. Conclusão

A análise das entrevistas com coordenadoras pedagógicas e diretora de cinco escolas privadas localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro expressa que existe uma consciência sobre a existência das novas configurações familiares, da diversidade das famílias na atualidade, mas não há um foco para uma ação que facilite a inclusão dessas famílias no ambiente escolar.

A pesquisa possibilitou observar que o número maior dentro dos novos arranjos familiares ou a maior presença é de famílias recasadas, seguidas de pais adotivos e de famílias monoparentais. Foram citados cinco casos⁷ de pais homossexuais. A falta de dados quantitativos sobre as novas configurações familiares dos alunos demonstra como a escola mantém ainda seus formulários direcionados para as famílias tradicionais, perdendo a oportunidade de conhecer e incluir melhor todos os tipos de situação familiar presente.

Apesar das escolas utilizarem dois instrumentos de coleta de dados (formulário de matrícula e questionário de anamnese) e entrevistar os responsáveis, verificou-se que, muitas vezes, elas não conhecem a organização familiar dos seus alunos. Podemos pensar que essa falta de conhecimento diz respeito à falta de uma reformulação dos formulários e das entrevistas que não prevê outras formas de organização familiar diferentes da tradicional, o que pode significar uma dificuldade em lidar com esse assunto. A proposta seria ampliar abertura das escolas para as famílias conseguirem se mostrar, sem ter medo do preconceito de não serem aceitas ou seus filhos não serem aceitos pelas escolhas que fizeram.

Aqui vão exemplos que podem gerar muitas reflexões na hora de planejar o formulário. Geralmente se pergunta o nome dos pais, mas não é perguntado o estado civil destes, se são casados, divorciados, recasados, nome do parceiro ou da parceira, se a família é monoparental, homoparental, entre outras possibilidades. A escola Vermelha, por exemplo, já utiliza um formulário mais inclusivo, mas ela ainda está aquém, porque se refere só ao grupo de recasados, embora já seja um bom começo.

⁷ Três escolas deixaram claro que havia a possibilidade de haver mais casos, pelo motivo de já ouvirem comentários de ex-cônjuge ou de outros, mas que isso não era suficiente para confirmarem.

O importante é que o primeiro pensamento seja: as famílias precisam ver que a nossa escola é inclusiva, é uma escola para todos, independente da organização familiar, não adianta ter só o discurso, como foi percebido ao longo das entrevistas sobre a importância da parceria família-escola, mas criar elementos de abertura para essas novas organizações familiares.

Outro ponto analisado foi se as escolas percebiam diferenças nos alunos de acordo com a sua configuração da família; todas as entrevistadas afirmaram que não. O fato do aluno fazer parte de uma nova configuração familiar não foi visto como questão central. Os problemas se relacionam ao modo como as famílias se organizavam no cotidiano. Inclusive algumas escolas comentaram que filhos de famílias tradicionais, às vezes, traziam mais problemas do que das novas configurações. Essa constatação contrapõe a afirmação de Toscano (2003):

“Embora sendo a separação dos pais um processo comum na sociedade atual, cria inevitavelmente problemas sérios de afastamento para os adultos e crianças envolvidas no desenvolvimento”.

Um estigma criado há muito tempo é aquele que diz que filhos de pais separados são sempre problemáticos. Isso ajudou a exclusão dos alunos que faziam parte do grupo de filhos de pais separados, o que hoje em dia é comum nas escolas. Cabe a nós educadores identificar o fenômeno de novos grupos que podem ser colocados neste lugar de estigma como os filhos de famílias monoparentais, homoparentais e outras.

Dentro das problemáticas familiares, as situações de separações litigiosas ou conflituosas são um desafio para a escola. Entrevistados de todas as escolas contaram já ter experimentado pelo menos uma situação desagradável entre os pais ou até com avós, quando existe briga entre as pessoas da família da criança.

A advogada Teresa Cristina Galvão, vice-presidente da Associação Brasileira dos Advogados de Família (ABRAJAM), afirma que a legislação Brasileira não traz de forma objetiva a obrigação das escolas. Ela localiza uma exceção no Distrito Federal que, em 2006, decretou uma lei que obriga as escolas a fornecerem informações a pais separados. Mas acredita que a sanção da guarda compartilhada vai ajudar na sensibilização para esse atendimento.

A psicóloga Andréia Cardoso em sua tese defendida em 2005 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), entrevistou mais de 25 educadores de 11 colégios particulares e constatou que a maioria não estava preparada para atender os pais separados. *“A maioria se comunicava com os pais via agenda e, quando indagadas sobre quem era o responsável pela criança, as professoras disseram era aquele que faz a matrícula”*

Se passado três anos dos dados obtidos por Cardoso, observamos que as cinco escolas particulares entrevistadas nesta pesquisa procuram não ficar em cima do muro e nem ficar entre pai ou mãe. Seu maior interesse é o bem estar da criança, muitas dessas escolas procuram conversar com os pais para frisar esse pensamento.

Nos casos de litígio as escolas procuram se resguardar pela lei, o que acaba protegendo a escola de tomar qualquer atitude automaticamente. Assim as cinco escolas procuram respeitar e ajudar as famílias sem serem invasivas.

A identidade familiar como uma questão curricular só foi encontrada na escola Amarela. O fato de ser uma escola judaica nos faz entender melhor a importância que a escola procura dar para construir não só uma identidade familiar, como social também. Diferente das outras quatro escolas, que incluem a identidade familiar, dependendo do projeto apresentado naquele ano.

Verificamos que há um paradoxo nas escolas: por um lado a família é vista como algo muito importante, no entanto, nem sempre a família é um tema de formação, ou mesmo de informação.

Parece que algumas escolas percebem o tema família como algo antigo, no entanto, revisitar o tema nos dias de hoje, se torna um desafio para as escolas.

O que podemos observar nas escolas é que esse assunto especificamente sobre as novas configurações familiares não é nada abordado na formação dos professores. A escola Amarela coloca claramente que os professores não estão prontos para trabalhar com as novas configurações familiares, questão que está pegando a equipe de surpresa e cada caso é estudado à medida que ele aparece. As outras escolas afirmaram que apesar de não ser abordado o assunto especificamente, seus professores resolvem da melhor maneira. Os assuntos vão sendo resolvidos de

acordo com o surgimento das situações. O que existe das partes dos coordenadores é uma preocupação geral no cotidiano do professor de dar suporte para eles.

Algumas escolas procuram dar autonomia para os professores, porque acreditam que as famílias e os professores precisam ter um canal aberto para um bom diálogo, afinal de contas seus filhos são entregues nas mãos dos professores. Só a escola Amarela se mostrou um pouco receosa com a relação de pais e professores, mostrando a necessidade de um equilíbrio na autonomia do professor.

As escolas se percebem como investidoras na capacitação dos professores, organizando palestras, reuniões e discussões. A escola Branca foi a única escola que trouxe o interesse de debater especificamente as novas configurações familiares, mas apresentou uma dificuldade em encontrarem profissionais capacitados para falar do assunto para os professores. A coordenadora da escola Azul, por ter uma formação em psicologia e estar cursando um curso em terapia familiar demonstrou uma tranquilidade em relação ao assunto. A coordenadora da escola Verde comentou ter trocado com a sua equipe um pouco o assunto sobre os filhos de homossexuais, mas só nos bastidores sem muito aprofundamento. A coordenadora da escola Vermelha comentou sobre não ter pensado ainda sobre pais homossexuais por ainda não ter nenhum caso no momento. A escola amarela ficou mais nos pais separados recasados e viúvos, mas já deu um *feedback* como a pesquisa a fez pensar em mudar o foco da festividade em relação aos dias dos pais ou das mães e a possibilidade de mudar o formulário.

Esses depoimentos levam à conclusão de como muitas vezes o projeto político pedagógico não é colocado em prática, que a escola não coloca os ideais como prioridade, que a dinâmica cotidiana escolar fica limitada a resolver o problema de cada dia, sem usar instrumentos que auxiliem numa mudança real de hábitos.

Propor uma festa da família ao invés de comemorar o dia dos pais ou das mães já é uma mudança bastante significativa de hábitos. A única escola que trabalha atualmente assim é a escola Vermelha. A escola Verde confecciona só os presentes nos dias comemorativos e a escola Azul e Branca não comemoram e nem confeccionam nada para o dia dos pais ou das mães, já a escola Amarela apesar de

estar pensando em modificar algumas festividades ainda comemoram tradicionalmente o dia dos pais e das mães.

Entendo que, para poder incluir os alunos, a escola precisa refletir sobre identidade, ética, preconceito, sobre sua própria dificuldade de lidar com situações tão delicadas. Neste sentido o entendimento mais aprofundado sobre as configurações familiares e a organização familiar dos alunos pode ser um instrumento eficaz e para trabalhar com os alunos de forma mais inclusiva e responsável.

Através dos dados apresentados fica evidente que a escola procura ser inclusiva com as novas configurações familiares, mas ao mesmo tempo se percebeu uma falta de informação mais profunda sobre o assunto, assim a escola demonstrando muitas vezes uma dificuldade de refletir sobre novas possibilidades de incluir as novas configurações familiares.

O primeiro passo é a escola aceitar que a instituição família mudou e que é impossível trabalhar como antigamente o tema família. É preciso refletir, dialogar com todos que participam da escola e então encontrar instrumentos para trabalhar com as novas configurações familiares. Assim a parceria escola-família se concretizará de verdade e a escola se tornará finalmente inclusiva.

“Embora todo mundo acredite saber o que é família, é curioso constatar que por mais vital, essencial e aparentemente universal que a instituição família possa ser não existe para ela, como é o caso do casamento, uma definição rigorosa”.

Fraençoise Hériton

Referências bibliográficas:

CARNEIRO, Moaci, Alves. **LDB fácil: leitura crítica-compreensiva; artigo a**
artigo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASARIN, Nelson Elinton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. **Família e**
aprendizagem escolar. Revista psicopedagogia, São Paulo: v. 24 a 74, p.182-2001.
jul/dez, 2007.

CAPELLATO, Ivan. **Entrevista sobre o livro afeto e limites.**
Disponível em www.estao.com.br/suplemento/not_sup612690.htm, 2007

CECARELLI, Paulo Roberto, **Novas configurações familiares: mitos e**
verdades. Jornal da Psicanálise, São Paulo, 40(72):v.40, p.89-102, jun.2007

COOMONTE, Vera Antonio. **Condições sócio estruturais da escola,** In: FERREIRA,
Carapetto Syria Naura (Org.) Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da
formação à ação, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003

CUNHA, Vinicius d, Marcus. **A desqualificação da família para educar.** Cadernos
de pesquisa. São Paulo, n.102, p.46-64, nov.1997.

DE LA TAYLLE, Yves J.J.R. (1994) **Prefácio à Educação Brasileira- In Jean**
Piaget. O juízo moral na criança. São Paulo: Sumus.
_____. (2005) **Entrevista sobre a importância dos limites**
na Educação no jornal extra classe- Porto Alegre. Disponível em
www.sinprors.org.br.

EDLER CARVALHO, R. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is".** 5 ed. Porto
Alegre: Mediação, 2004.

_____. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho**
pedagógico Porto Alegre: Mediação, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.), **Família e casal saúde, trabalho e modos de**
vinculação. São Paulo: casa do psicólogo, 2007.

GROISMAN, Moisés, LOBO Vicq Mônica de, CAVOUR Anibal, Maria Regina,
Histórias dramáticas terapia breve para famílias e terapeutas. Rio de Janeiro:
Record: Rosas do tempo, 2003.

IBRAHIM, César Mussi, **Família, Jovem e Constituição da subjetividade**
Nuevamerica, set.2005, n.107, p.70-75.

JORNAL do Estado de São Paulo (2008). **Entrevista com a advogada Teresa**
Cristina Galvão. Disponível em www.estado.com.br/editoriais/2008/06/14go-1.93.72.1.xml

LIBÂNEO, Carlos José. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 5 ed.-São Paulo. Cortez, 2002.

.MARTINS, José Filho (2008) Síntese do livro: **A criança tercerizada**. Disponível em <http://lucienerochael.wordpress.com>.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas**. Anal-Social, out. 2005, n. 176, p. 563-578.

PERRENOUD, Philippe, **Ofício de aluno e sentido do trabalho** escolar. Porto Editora, 1995.

REIS, (1994), **Dissertação de mestrado família da pessoa portadora da Síndrome do autismo e escola: uma parceria educacional?(ótica das famílias)** (1997) Lucimara Maia. Disponível em <http://lucimaramaia.com.br?index.php?option=com-content&task=view&id=16&Itemid=8>

ROGRIGUES, Alberto Tosi, **Sociologia da Educação**, Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SINGLY, François de, **Sociologia da Família Contemporânea**, tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SZYMANSKI, Heloisa, **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Líber Livro, 2007.

.TOSCANO, M.D.P, Separação de pais: impacto na aprendizagem dos filhos-alunos da rede pública. In: ESTEVAM, Dantas Ionara. **Impacto da separação de pais na aprendizagem dos filhos: um estudo das representações sociais**. Brasília, 2007.

UNICEF-Disponível em www.unicef.org/brazil/pt/rpi-set07.pdf

ZAGURY, Tânia (2006). Revista Veja- **Entrevista com Tânia Zagury**. Disponível em veja.abril.com.br/050406/p-108.html- 45k

WAGNER, A, BANDEIRA, DR, **O desenho da família: um estudo sobre adolescente de famílias originais e reconstituídas**. Coletâneas da ANPEPP: família e comunidade, 1996

WAGNER, A (2005). **Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações**. In: Feres-Carneiro, T. (Org). **Família e Casal: efeitos e contemporaneidade**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 33-49.

Anexo

Entrevista:

1) Que tipo de informação a escola recolhe sobre as famílias.

- a) Como esta escola se informa sobre as famílias dos alunos (este é um foco de atenção?)
- b) Vocês fazem uma entrevista?(esta pergunta é um detalhamento da anterior que deve ser feita quando for o caso)
- c) Há possibilidade de ver as fichas de matrícula?
- d) Há outras formas de coleta de informações sobre o assunto?

2) Como a escola processa e organiza essas informações?

- a) Que tipos de famílias colocam os filhos nesta escola, considerando a configuração familiar?
- b) Vocês percebem diferença nos alunos de acordo com a organização da família?
- c) Vocês percebem arranjos familiares diferenciados da família tradicional (pais e filhos)?

3) Como a escola trabalha o tema família no seu cotidiano?

- a) Vocês trabalham com os alunos aspectos da identidade familiar? Como e quando isto é feito?
- b) Na formação dos professores você acha que este assunto tem sido abordado?
- c) Em que momentos a família tem maior contato com a escola?
- d) Vocês fazem festas como dia dos Pais, das Mães? Que festas envolvendo a família são realizadas?
- e) Em caso de problemas familiares(separação de casal, etc.) como a escola se posiciona?
- f) O que mais você gostaria de acrescentar?